

CEDI - P. I. B.
DATA 16, 06, 88
COD 0AD 66

RELATÓRIO E PROPOSTAS SOBRE A
SITUAÇÃO DOS INDIGENAS DO UAU
PÉS, ALTO RIO NEGRO:

PETER SILVERWOOD-COPE, Ph. D.

fevereiro, 1975.

I N T R O D U Ç Ã O

O presente trabalho, realizado no período de outubro de 1974 a janeiro de 1975, na região do Rio Uaupés e afluentes, no Estado do Amazonas, teve como objetivo mostrar as condições sócio-econômicas atuais dos quase 9.000 (nove mil) indígenas da área, incluindo várias tribos de Índios do Rio e Maku.

Baseados na realidade da área formulamos um corpo de propostas que, aplicadas com eficiência e persistência, solucionarão a situação da região.

O trabalho no campo contou com a colaboração dos indígenas da área, do Chefe do P.I, Iauareté João Silvério Dias.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO

RELATÓRIO

| | |
|---|----|
| 1. Itinerário e cronologia da investigação | 1 |
| 2. Os Indígenas do Rio Uaupês e seus afluentes | 2 |
| a - Índios do Rio | |
| b - Maku | |
| 3. Distribuição demográfica e estatística | 12 |
| 4. O povo indígena | 17 |
| a - no Rio Papurí | 17 |
| b - no Rio Uaupês | 18 |
| c - no Rio Tiquiú e o Baixo Rio Uaupês | 21 |
| 5. Missão Salesiana | 27 |
| a - Estratégia social | 27 |
| b - Trabalhos comunitários | 30 |
| c - Concentração de poder | 30 |
| d - Monopólio econômico . | 33 |
| e - Descentralização da educação | 34 |
| 6. Terra | 36 |
| 7. A situação da saúde atual | 40 |
| a - a missão salesiana no trabalho de saúde | 47 |
| 8. A situação da educação | 54 |
| 9. Aspecto sócio-econômico | 57 |
| 10. A Missão Colombiana e Acción Communal na Colombia | 60 |
| 11. Postos do ILV | 62 |
| 12. Postos da FUNAI | 63 |
| 13. Os Maku | 64 |
| PROPOSTAS | |
| - Principios Gerais | 67 |
| - Terra | 71 |
| - Saúde | 71 |
| - Sócio-econômica | 71 |

- Maku

81

BIBLIOGRAFIA ANTROPOLÓGICA

83

MAPAS

87

ITINERÁRIO E CRONOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Depois de um mês de espera inútil, aguardando notícias do 1º DR em Manaus sobre o transporte aéreo entre Manaus e Iauarete, recebemos licença da COAMA e do DEP do DGPC para seguir para Manaus.

A dois de outubro chegamos a Manaus e nos apresentamos ao Senhor Carvalho, Sub-Coordenador da COAMA. No dia 15 de outubro estávamos prontos, com todo o equipamento, suprimento e motor, preparados para viajar.

Também realizamos entrevistas com os Padres Casemiro Beksta e Antonio Escolaro que tinham acompanhado vários acontecimentos de interesse no Uaupes. Junto com a Antropóloga do DEP Ana Maria Paixão pesquisamos os arquivos do INCRA para constatar a presença de terrenos registrados na área. Também visitamos o "Museu do Índio" mantido pela Missão Salesiana, comparando os preços do artesanato do rio Uaupes vendido para os turistas.

Entre 15 e 29 de outubro ficamos esperando a oportunidade de transporte aéreo para seguir para a área indígena. O avião da FUNAI fez dois vôos até Iauarete. O primeiro levando o médico para atender a um surto de sarampo; o segundo levando o Chefe do P.I. Iauarete que se deslocara para Manaus por falta total de comida, equipamento, remédios e comunicações — situação que ele aguentou dois meses. Após esses dois vôos o avião da FUNAI não era mais disponível; depois de mais uma semana de espera, durante a qual ficamos estudando os arquivos do SPI sobre sua atuação na área do Uaupes, o Senhor Carvalho resolveu fretar um vôo da empresa Taxi Aéreo "Rondonia", que nos transportou com equipamento e

180 (cento e oitenta) litros de gasolina (dez latas) até Iauarete no dia 30 de outubro.

Chegando em Iauarete não perdemos tempo em alugar uma canoa e contratar uma tripulação para começar o "survey" do Rio Papuri. Partimos, subindo o Papuri, no dia 2 de novembro, chegando até a fronteira, onde permanecemos o dia 6. Baixamos o Papuri e regressamos a Iauarete no dia 12 de novembro.

Este "survey" dos povoados indígenas brasileiros do Rio Papuri consumiu oito latas (ou 144 litros) da gasolina que nos foi fornecida em Manaus. Imediatamente solicitamos mais gasolina pela fonia que, nesta época, ainda se comunicava com Manaus. Como as duas latas de gasolina que sobraram não eram suficientes para começar qualquer outro "survey", depois de aguardar dez dias, resolvemos contratar viagem com um regional que nos levou até a fronteira do rio Uaupês. Ele forneceu motor, canoa, gasolina, tripulação e comida. Saimos de Iauarete no dia 22 de novembro, subindo e parando nas aldeias, passando numerosas cachoeiras muito perigosas sem acidentes, graças a grande técnica e experiência do contratado. Chegamos à Foz do Querari, fronteira do Brasil no Uaupês, onde passamos o dia 28. Para voltar até Iauareté atravessamos, andando a pé, mais de cem quilômetros de mato entre o Vaupes e o Papuri, chegando de volta a Iauareté no dia 8 de dezembro.

No dia 10 o Chefe do Posto foi a Manaus para resolver problemas de falta de material de construção para a restauração do Posto; o rádio já não funcionava mais. Fizemos um pedido por escrito de gasolina, para podermos completar o "survey".

No dia 13 chegou um Bufalo da FAB com o material para o Posto, incluindo 400 litros de gasolina para nosso trabalho. Alugamos uma canoa, contratamos a tripulação e descemos o Uaupês no dia 19 de dezembro. No dia 20 de dezembro visitamos a Missão de Taque e no dia 21 de dezembro entramos no rio Tiquié. No dia 24 chegamos na Missão de Paricachoeira, e, aproveitando a presença dos c

pitães e a maioria dos habitantes de todos os povoados do alto Tiquié -- reunidos para assistir a festa de Natal dos Padres e os "cursos" para capitães e catequistas -- ficamos até o 27 para conversar e pesquisar com os indigenas. Durante esses dias chegaram noticias de uma epidemia de sarampo acima de Paricachoeira. O Padre diretor nos pediu para atender esses doentes, pois ele estava muito ocupado dando os "cursos".

Chegou um Padre colombiano do alto Tiquié, acima da fronteira, onde também houve sarampo, e nos pediu para atender a uns casos mais graves. Aceitando esses pedidos, subimos muitas cachoeiras e chegamos às fronteiras do Brasil, no Tiquié, no dia 27 de dezembro. No dia 28 subimos para atender o povoado de indigenas colombianos, e no dia 29 começamos a descer o Tiquié. Mas agora, depois de ter visitado e atendido os saramposos, nenhum povoado indigena no alto Tiquié nos deixou encostar, por medo de contágio. Foi inútil a explicação de que estávamos todos vacinados e que a doença demora 15 dias em estado de incubação antes de surgir a etapa contagiosa.

Baixamos o Tiquié e subimos o Uaupés, agora encontrando todos os habitantes em avançada etapa de embriaguez, celebrando o ano novo.

Chegamos de volta em Iauaretê no dia 2 de janeiro, 1975. Da gasolina só restaram 36 litros dos 400 litros, a nós enviados. No dia 4 chegou um Bufalo da FAB fazendo um dos frequentes vôos de mercadoria, comida e material por conta da Missão em Iauaretê. Estando na pista com tudo pronto para viajar pedimos ao Comandante que nos levasse a Manaus; ele recusou. A fonia estava ainda em Manaus, já mais de 1 mes, aguardando conserto, tornando impossível chamar transporte aéreo. No dia 8 de janeiro chegou outro vôo da FAB com pessoal do Projeto Rondon; o Comandante nos aceitou e assim chegamos em Manaus no dia 9 de janeiro. Para evitar muitos gastos de hotel em Manaus apressamos os assuntos a resolver em Ma-

naus e chegamos em Brasília no dia 11 de janeiro.

OS INDIGENAS DO RIO UAUPÉS E SEUS AFLUENTES

Os indigenas do rio Uaupés e seus afluentes se dividem em duas categorias básicas: os indios do Rio, que são a grande maioria e que se dividem em vários subgrupos lingüísticos, e uma minoria de indios Makus, que moram no meio do mato, longe dos rios.

Os indios do Rio se distribuem entre Arapaços, Barasanos, Carapanãs, Cubeo, Desanos, Miriti-Tapuias, Pira-Tapuias, Tarianos, Tucanos, Tuiucas e Uananos.

Existe uma enorme quantidade de literatura e documentação etnográfica e antropológica sobre os indigenas dessa região, publicada em português, espanhol, inglês, italiano, francês e alemão. Os estudos feitos abrangem organização social, adaptação ecológica, cultura material, religião, mitologia e cosmologia. Algumas são monografias sobre uma tribo, outros são temáticos e comparativos.

Existe ainda bastante documentação histórica da penetração da região que começou no século XVIII, entre 1750 e 1850.

Para dar melhor idéia dessa riqueza de informação etnográfica e etnológica, vai incluído no fim desse relatório uma bibliografia das obras principais.

Aqui apresentamos apenas um esboço cultural dos indios do Rio e dos Makus. O enfoque deste relatório é feito sobre a situação sócio-econômica atual e os problemas de integração nacional.

= Indios do Rio

Referir-nos-emos coletivamente aos Tukano como "Indios do Rio". É um termo também utilizado pelos Maku para se refe

rirem aos mesmos, tendo sido percebido por vários etnógrafos que na área, a orientação dos "Tukanoans", é voltada para o rio. Suas casas são situadas em direção ao rio, e suas enormes comunidades de grupos exôgamos patrilineares são distribuídos ao longo dos rios.

Tradicionalmente eles vivem em "malokas" comunais, sendo cada casa a morada de um grupo de descendência patrilinear. As malocas eram importantes não apenas como abrigo, mas também pelo fato de serem o local de realização dos ritos principais que constituíam o fio central da vida dos índios e de suas crenças cosmológicas. O comércio, que tem sido um de seus principais mecanismos de aculturação, penetrou o mundo indígena ao longo dos rios que até recentemente foram os únicos meios de transportes e comunicação para comerciantes brancos, seringueiros e missionários. Hoje em dia, a maioria dos Índios do Rio são, pelo menos nominalmente, católicos. Eles abandonaram as grandes "malokas" e moram em grupos de cabanas feitas de barro e sapê. Muitos dos homens falam português; homens e mulheres usam roupas. Em suas roças eles cultivam mandioca como meio de subsistência, assim como bananas, abacaxi, inhame, milho, cana de açúcar e várias frutas outras. Aos homens cabe a derrubada e queima das roças. A limpeza de ervas daninhas, colheita e aproveitamento da mandioca é feito pelas mulheres.

Os Índios do Rio viajam e fazem visitas com canoas. Qualquer visitante da região, que tenha viajado de canoa com os Índios do Rio, fica impressionado pela maestria e experiência que mostram em navegar através das poderosas cachoeiras e corredeiras.

A maior parte de suas proteínas é obtida da pesca e suplementada pela caça de mamíferos semi-aquáticos feita em canoas. Goldman escreve que "A orientação do Cubeo é para o Rio e não para a floresta. Ao passo que a floresta é um domínio indiferenciado, os rios são conhecidos em cada volta e extremidade de pedra, ou qualquer outro aspecto. O rio é a fonte do poder ancestral, de benefícios assim como de perigos. A floresta é principalmente uma fonte

de perigo". (Traduzido de Goldman, 1963:44)

- Maku

Nas poucas referências encontradas sobre os Maku, estes são descritos como caçadores e coletores nômades, sem agricultura. Os Índios do Rio que até hoje não possuem um contato direto com eles descrevem-nos como não tendo plantações de mandioca. Entretanto, entre os Maku encontrados durante a pesquisa verificou-se que cultivam mandioca em alguma escala. Uns possuem grandes roças e outros produzem tão pouco, que esgotam suas provisões frequentemente, indo à procura de mais entre parentes ou então, vão viver e trabalhar para os Índios do Rio. Grande parte da sua produção de mandioca é utilizada na feitura de "caxiri" do qual são grandes bebedores. Comparados aos Índios do Rio, seus cultivos são limitados, possuindo poucas colheitas secundárias como milho, abacaxi e banana. O cultivo de tabaco e pimenta não dá para o consumo próprio, sendo estas as espécies mais procuradas por eles entre os Índios do Rio.

Os grupos locais Maku são nucleares, de famílias extensas, ou grupos amplos com uma estrutura bilateral. São grupos formados por um homem velho mais os filhos e filhas casados com respectivos esposos, ou ainda por homens relacionados como afins que trocaram suas irmãs através de casamento. Estes grupos locais frequentemente unem-se e separam-se, movendo-se de um lugar para outro. É muito raro que um homem e sua família permaneça em um mesmo local por mais de quatro ou cinco anos. Às vezes o período é bem menor. Mesmo estando fixado temporariamente e cultivando uma roça, ele se desloca constantemente por períodos que somados dão mais de seis meses, cada ano.

Uma parte do seu tempo também é dispendida em trabalho para o Índio do Rio, consistindo na limpeza das roças: ou co-

bertura da casa. Durante este período, ele tanto vive no lugar de morada dos Índios do Rio numa pequena casa isolada, ou acampa em lugar próxima na floresta. Maku raramente faz ou usa canoas. Moram em cabanas simples sem paredes, voltadas para pequenos córregos nas profundezas das florestas, a duas ou tres horas de vizinhança dos Índios do Rio.

Os povoados ligam-se entre si por trilhas através da floresta, sendo toda caça e pesca feita a pé. Eles não se sentem bem em canoas e grandes correntezas, apesar de algumas vezes serem utilizados como remadores pelos Índios do Rio em suas viagens. Contrariamente, não têm medo da floresta, sentindo-se tranquilos na mesma. Ela é o lugar para refúgio quando querem esconder-se dos Índios do Rio. Eles contam como muitas vezes depois de uma briga, correm e se escondem na floresta por vários meses. Possuem trilhas em uma ampla faixa florestal, reconhecendo velhos campos de caça, locais de mortes anteriores, localização de árvores de frutas e lugares frequentados por animais de caça. São capazes ainda de traçar em um território sem trilhas; sendo reconhecido e tendo um nome cada rede de córregos, pântanos, clareiras, elevação de terra e mato aberto. Quando estão caçando procuram na floresta por pistas ou indicações de caça, seguindo-as mesmo que para isso levem dois dias. Um caçador solitário muitas vezes dispenderá uma noite na floresta dormindo no chão à beira de um fogo, ou orientando-se através dos sons dos pássaros de caça antes do amanhecer.

DISTRIBUIÇÃO DEMOGRÁFICA

Nesta seção do relatório, apresentamos a localização dos povoados do Rio Uaupés e seus afluentes, e a estatística populacional. Usamos, de maneira comparativa, a estatística levantada pelos funcionários da FUNAI, Ney Land e Helio Rocha, que investigaram o Rio Uaupés em 1968, a estatística das Missões e o levantamento nosso que foi somente parcial.

Segundo dados fornecidos pela Prelazia do Rio Negro em 1974, a população total do Município de São Gabriel (Uaupés) é de 17.367 habitantes, sendo 13.959 indígenas. O Município de São Gabriel inclusive as Paroquias de São Gabriel (Uaupés), Cucuí, Içana, Iauarete, Paricachoeira, Rio Xic, Taraqua e Maturaca.

Segundo os dados da Missão, a população indígena do Rio Uaupés e seus afluentes seria de 8.729, assim distribuída nas tres paroquias: Iauarete 4.531, Paricachoeira 3.238 e Taraqua 960.

Mas aqui observamos que as estatísticas populacionais das Missões, nos casos que verificamos, sempre exageravam. Por exemplo, em dezesseis povoados do alto Rio Uaupés contamos um total de 555 indígenas, enquanto, segundo a Missão, são 979, quase o dobro. No Rio Papuri contamos todos os habitantes indígenas brasileiros, num total de 1.130.⁽¹⁾ Segundo a estatística da Missão, são 1.464. Enquanto nos foi possível verificar, a estatística da Missão no Rio Tiquie, paroquia de Paricachoeira, era mais precisa. Achamos que a estatística fornecida pela Missão, de 8.729 indígenas no Rio Uaupés e seus afluentes é mais uma aproximação otimista de que um fato exato.⁽²⁾

(1) Incluindo Santa Maria, povoado situado na foz do Papuri.

(2) Padre Della Valle nos explicou que a Missão inclui na sua estatística aqueles que saíram para Colômbia, na suposição de que algum dia voltariam.



| <u>Aldeia</u> | <u>casas</u> | <u>peçoas</u> | <u>Capitão</u> | <u>Tribu</u> |
|-------------------|--------------|---------------|----------------------|------------------|
| (Papuri) | | | | |
| Alto Franco | 7 | 33 | Alfredo da Silva | Tucanos |
| Santa Cruz | 7 | 62 | Eduardo Jesus | " |
| São Miguel | 5 | 54 | Mario Dias | " |
| Jandia | 7 | 60 | Cristiano Dias | " |
| Tucunare do alto | 3 | 26 | Antonio Dias | " |
| Anchieta | 5 | 37 | Graciliano Dias | " |
| Vinapixuna | 8 | 83 | Afonso Dias | " |
| Urucu | 15 | 86 | Laureano Alves | " |
| Alto | 11 | 84 | Sebastião Anjo | " |
| São Paulo | 10 | 64 | Guilherme Nogueira | Piratapuias |
| Paracua | 7 | 43 | Vicente Garcia | " |
| Tucunare de baixo | 5 | 27 | Firmiano Cardoso | " |
| São Gabriel | 8 | 50 | Francisco Cordeiro | " |
| Saju Lago | 2 | 10 | Vicente Pedrosa | " |
| Santa Cruz | 10 | 70 | Jose Prado | Desanos |
| São Pedro | 12 | 62 | Euzebio Freitas | Tucanos |
| Santa Luzia | 16 | 135 | Raimundo Vasconcelos | " |
| Pari Ponta | 5 | 47 | Martinho Ferreira | " |
| Serrinha | 3 | 19 | Jeronimo Carmo | " |
| Ituim | 5 | 29 | Paulino Brasil | Piratapuias |
| Aracapá | 16 | 138 | Bibiano Almeida | Tarianos |
| Japura | 11 | 105 | Marcelino Moreira | Tarianos |
| Santa Maria | 19 | 160 | Pomiliano de Jesus | Tarianos |
| Serra dos Porcos | 11 | 110 | Jeanico Andrade | Peonas (Maku) |
| (Uaupes) | | | | |
| Urubuquara | 7 | 47 | Laureano Vasconcelos | Tarianos |
| Pinu Pinu | 4 | 25 | " " | " |
| Cigarro | 9 | 77 | Agostinho Lima | Tarianos |
| São Francisco | 9 | 69 | Brasilino Lima | Piratapuias |
| Marabitana | 6 | 35 | Idalino Bras | Tarianos |
| São Jose | 6 | 40 | Gaudencio Lelis | Arapaços |
| Jibari | 6 | 40 | Marcelino Cordeiro | Arapaços |
| São Luiz | 5 | 26 | Sebastião Dias | Tucanos |
| Loiro | 12 | 103 | Adão Lemos | Arapaços |
| Parana Juca | 11 | 88 | Miguel Carvalho | Arapaços/Tucanos |
| Jacamim | 15 | 86 | Joaquim Porto | Desanos |
| Juquira | 14 | 145 | Elias Viera | Tucanos |
| Paracu | 15 | 110 | Guilherme Simoes | Piratapuias |
| Sangatarra | 2 | 19 | Emilio Peixoto | Tarianos |
| Jacitara | 3 | 22 | Marcelino Lustosa | Piratapuias |
| Jui | 7 | 50 | Joaquim Filgueiras | Juritis |
| Araripira | 2 | 26 | Ovidio da Silva | Tarianos |
| São Domingos | 8 | 37 | Antonio Correa | Tarianos |
| São Miguel | 17 | 85 | João Rodrigues | " |
| Dom Bosco | 15 | 128 | Raimundo Oliveira | " |
| Urucu de cima | 3 | 22 | Maximiano Cordeiro | " |
| Maissu | 8 | 66 | Manoel Barbosa | " |
| Miriti | 8 | 42 | Gabriel Arcanjo | " |
| Uari | 11 | 118 | Angelico da Silva | Tucanos |
| Viranha | 3 | 23 | " " " | " |
| Mirapirera | 3 | 18 | Jeronimo Pereira | Tucanos |
| Juquira Ponta | 6 | 48 | Roberto Brito | Tarianos |

| | | |
|--------------|----|-----|
| Ira ponta | 4 | 28 |
| Puraque Ilha | 2 | 20 |
| Cuiubi | 4 | 36 |
| Bacaba | 4 | 41 |
| Piriquito | 7 | 51 |
| Uirauaçu | 7 | 38 |
| Ilha do Japu | 2 | 27 |
| Arara | 8 | 61 |
| Ilha Jandu | 5 | 51 |
| Caruru | 19 | 164 |
| Matapi | 4 | 46 |
| Jacarc | 8 | 60 |
| Jutica | 7 | 105 |
| Taracua | 4 | 39 |
| Taina | 5 | 21 |
| Tiririca | 2 | 16 |
| Assai | 9 | 77 |
| Jacunda | 3 | 21 |
| Pacu | 7 | 46 |
| Foz Querari | 5 | 39 |

| | |
|--------------------|----------|
| Alfonso Atunes | Tarianos |
| Henrique Sodre | " |
| Maximiano Ferreira | Tucanos |
| Samuel Melo | Uananos |
| Dionizio Muniz | Tarianos |
| Lourenço Barbosa | Tarianos |
| Jesuino Ferraz | Uananos |
| Pedringos Ferraz | Uananos |
| Manuel Alvares | Uananos |
| Angelo Trindade | Uananos |
| Samuel Moreno | Desano |
| Joenico Sodre | Uananos |
| Guilherme Teixeira | Uananos |
| Francisco Gomes | Uananos |
| Miguelangelo Gomes | Uananos |
| Jose Gomes | Uananos |
| Jose da Silva | Cubcus |
| " | " |
| Pedro Rodrigues | " |
| Adriano Godinho | " |

Extensão 30.000 km²

| | |
|-------------|-------|
| Ilóvoados | 75 |
| Escolas | 22 |
| casas | 558 |
| Habitantes | 4.551 |
| na Colombia | 518 |

Homens

| | |
|------------|-------|
| adultos | 2.422 |
| rapazes | 300 |
| moças | 218 |
| estudantes | 843 |
| crianças | 748 |

| | |
|----------------|-------|
| Tarianos | 1.277 |
| Tucanos | 1.056 |
| PiraTapuias | 555 |
| Uananas | 597 |
| Peonas (Makus) | 500 |
| Desanos | 272 |
| Arapaços | 248 |
| Cubcus | 168 |
| Tuiucas | 62 |
| Jurutia | 55 |

| POVOAÇÃO | Nº DE PESSOAS | | | Nº DE CASAS | |
|----------------------|------------------|---------------------------------------|----------------------------------|------------------|----------------------------------|
| | Missão (1972) | H. Rocha e N. Land FUNAI (1968) | FUNAI Peter S. Cope (1974) | Missão (1972) | FUNAI Peter S. Cope (1974) |
| <u>PAPURI</u> | | | | | |
| Melo Franco | 33 | - | 30 | 7 | 6 |
| Sta. Cruz | 62 | - | 41 | 7 | 6 |
| São Miguel | 34 | - | 43 | 5 | 6 |
| Jandiã | 60 | - | 48 | 7 | 9 |
| Tucunarê do Alto | 26 | - | 36 | 3 | 4 |
| Anchieta | 37 | - | 22 | 5 | 6 |
| Uinapixuna | 83 | - | 80 | 8 | 7 |
| Sta. Marta | 86 | - | 46 | 13 | 6 |
| Urucu | | | | | |
| S. José | | | | | |
| Igarape | - | - | 9 | - | 3 |
| Pato | 84 | - | 65 | 11 | 10 |
| São Paulo | 64 | - | 38 | 10 | 10 |
| Tucunarê de Baixo | 27 | - | 15 | 5 | 3 |
| Taracuã | 43 | - | 25 | 7 | 6 |
| São Gabriel | 50 | - | 27 | 8 | 7 |
| Caju Lago | 10 | - | 12 | 2 | 2 |
| Santa Cruz | 70 | - | 30 | 10 | - |
| Abacate | - | - | 11 | - | 3 |
| Turi | | | | | |
| S. Sebastião | | - | 13 | - | 3 |
| Igarape | | | | | |
| Acari | - | - | 12 | - | 2 |
| S. Pedro | 62 | - | 20 | 12 | 5 |
| Sta. Luzia | 135 | - | 89 | 16 | 17 |
| Pari Ponta | 47 | - | 35 | 5 | 6 |
| Serrinha | 19 | - | 17 | 3 | 3 |
| Ituim | 29 | - | 25 | 5 | 2 |
| Aracapã | 138 | - | 96 | 16 | 14 |
| Parupã | 105 | - | - | 11 | - |
| Sta. Maria | 160 | - | 140 | 19 | - |

RIO VAUPÉS

| | | | | | |
|---------------------|-----|---|----|----|----|
| Foz do Querari | 34 | - | 18 | 5 | 5 |
| Pacu | 46 | - | 37 | 7 | 7 |
| Jacunda | 21 | - | - | 3 | 4 |
| Assaí | 77 | - | 39 | 9 | 9 |
| Taracuã | 39 | - | - | 4 | 3 |
| Taina | 21 | - | - | 3 | 3 |
| Tiririca | 16 | - | - | 2 | 3 |
| Jutica | 105 | - | 33 | 7 | 11 |
| Jacarê | 60 | - | 41 | 8 | 8 |
| Matapi | 46 | - | 19 | 4 | 3 |
| Caruru | 164 | - | 52 | 19 | - |
| Ilha Jandu | 51 | - | 32 | 5 | 5 |
| Arara | 61 | - | 45 | 8 | 8 |
| Ilha Japu | 27 | - | 15 | 2 | 2 |
| Uirauaçu | 38 | - | - | 7 | - |
| Piriquito | 51 | - | - | 7 | 5 |
| Bacaba | 41 | - | 44 | 4 | 5 |
| Cuiubi | 36 | - | 36 | 7 | 4 |
| Puraque Ilha | 20 | - | - | 2 | - |
| Iracapuama | - | - | 7 | 4 | 2 |
| Paraquecapuama | 28 | - | 7 | - | 3 |
| Jupira Ponta | 48 | - | 93 | 6 | 7 |
| Mirapirera Ponta | 18 | - | - | 3 | - |
| Piranha Ponta | 23 | - | - | 3 | - |
| Umari | 118 | - | 58 | 11 | 12 |
| Miriti | 42 | - | 29 | 8 | 6 |
| Taiassu | 66 | - | - | 8 | - |
| Uracu de Cima | 22 | - | - | 3 | - |
| Dom Bosco | 128 | - | - | 15 | - |
| São Miguel | 83 | - | - | 17 | - |
| S. Domingos | 37 | - | - | 8 | - |
| Araripirã | 26 | 6 | - | - | - |

| | | | | | |
|---------------------------|-----|----|-----|----|----|
| Jui | 30 | - | - | + | - |
| Jacitara | 22 | - | - | 3 | - |
| Cangaterra | 19 | - | - | 2 | - |
| Uaracũ | 110 | 60 | - | | 10 |
| Juquira | 145 | 80 | 105 | 14 | 15 |
| Jacamim | 86 | 25 | - | 15 | - |
| Parana Juca | 88 | 30 | - | - | 11 |
| Loiro | 103 | 50 | | 12 | - |
| São Luiz (Juruparinia) | 26 | 15 | - | 5 | - |
| Jibari | 40 | 15 | | 6 | 5 |
| São José | 40 | 25 | - | 6 | 6 |
| Marabitana | 35 | 15 | - | 6 | 7 |
| São Francisco | 69 | 50 | - | 9 | 9 |
| Cigarro | 77 | 35 | - | 9 | 10 |
| Pinu Pinu | 25 | - | - | 4 | - |
| Urubuquara | 47 | 40 | - | 7 | - |
| Murukututu | - | 10 | - | - | - |
| Ipanuré | - | 60 | 50 | - | 13 |
| Piramirim | - | 10 | - | - | - |
| Suaçuaka | - | 12 | - | - | - |
| São Paulo | - | 12 | - | - | - |
| Ananãs | - | 25 | - | - | 11 |
| Tatapunha | | 12 | | | |
| Imbaúba | | 12 | | | |
| Miriti | | 10 | | | |
| Arara | | 15 | | | |
| Assaí | | 30 | | | |
| Ilha do Jacaré | | 18 | | | |
| Uriri | | 30 | | | |
| Pupunha Mupitã | | 15 | | | |
| Ilha do Pacú | | 15 | | | |
| Iurapecumã | | 25 | | | |

| | |
|-------------|----|
| Corocorô | 25 |
| Cunuri | 30 |
| Trovão | 60 |
| Itapenima | 25 |
| Umarituba | 15 |
| Sororoca | 15 |
| São Joaquim | |

RIO TIQUIÉ

Missão

(1974)

| | | |
|----------------------|-----|----|
| Pupunha | 43 | |
| Fronteira | 43 | |
| Puniã | 36 | 38 |
| Assaí | 21 | |
| Pedra Curta | 15 | |
| São Pedro | 32 | |
| Traira | 71 | |
| Caruru | 51 | |
| Jabuti | 27 | |
| São Paulo | 69 | |
| Coração de Maria | 50 | |
| Merces | 28 | |
| Cachoeira do Rayz | 13 | |
| Assunção | 48 | |
| Pari Cachoeira | 240 | |
| Bela Vista | 128 | |
| Jandu | 32 | |
| São Sebastião | 53 | |
| Santa Marta | 24 | |
| Urubu Lago | 35 | |
| Tocandira | 50 | |
| Piracema | 31 | |
| São João | 56 | |

| | | | |
|-----------------|----|----|----|
| Sto. Antonio | 68 | | |
| Maracajá | 41 | | |
| São Francisco | 54 | | |
| Santa Luzia | 34 | | |
| Cucura | 25 | | |
| São José | 59 | | |
| Floresta | 20 | | |
| São Luiz | 35 | | |
| Fátima | 19 | | |
| Trovão | 36 | | |
| Abelha | 20 | | |
| Barreira | 43 | | |
| Boca da Estrada | 40 | 37 | |
| São Tomé | 9 | | |
| Iraiti | 33 | | 5 |
| Cunuri | 78 | 75 | |
| Santa Ana | 22 | | 2 |
| São Miguel | 49 | 50 | 10 |
| Micura | 7 | | 1 |
| Fátima | - | 3 | 8 |
| Serrinha | - | 35 | - |
| Bere | - | - | 1 |
| Ponto Veado | - | - | 6 |
| Tanira | - | - | 2 |
| Jabu | | | 2 |
| Matapi | | | 6 |
| Corocoró | | | 1 |

O POVO INDIGENA- No rio Papurí

A maioria dos indigenas que mora no lado brasileiro do rio Papurí são Tucanos e Pira Tapuias. Alguns povoados Dessanos se encontram nas cabeceiras do Igarape Turi, afluente do Papurí. Outro fato importante no Papurí é que enquanto os indios da margem colombiana estão concentrados nas quatro missões colombianas — Teresita, Piracuara, Montfort e Acaricuara — cada uma com mais de 200 (duzentos) habitantes, os indigenas do lado brasileiro continuam espalhados em povoados menores. São poucos trechos do rio onde existem povoados em ambos lados: ou estão todos do lado colombiano nas missões, ou onde não há missão colombiana, estão no lado brasileiro.

Fato muito interessante foi que todos os povoados brasileiros do Rio Papurí no momento que nos identificamos como representantes da FUNAI nos receberam com certa desconfiança e dúvidas, atitude que eles mesmos se apressaram em explicar assim: no ano passado o antigo Padre Itinerante da Missão de Iauareté (Padre Norberto Hohenschirer, austriaco, hoje Padre Diretor de Parica cachoeira) havia visitado cada povoado e explicado que iriam chegar duas "firmas", o INCRA e a FUNAI. Se eles quisessem ser brancos, então deveriam demarcar suas terras, registrar com o INCRA e pagar um imposto. O padre apresentou o INCRA como uma coisa muito boa, "civilizada"; mas se eles iam com a FUNAI toda a civilização que a Missão tinha ensinado se perderia. O Padre lhes mostrou a foto de um indio tirada de um Boletim da FUNAI "tudo feio, com rosto pintado e enfeites nos lábios, nariz e orelhas" e expli-

cou que a FUNAI só queria indígenas assim, "selvagens", fazendo as coisas dos "antigos", andando nu, morando em malocas tradicionais e fazendo rituais hoje abandonados. Se os índios não obedecessem a FUNAI os castigaria como fez Manduca Albuquerque (oficial do SPI que entre 1920/30 praticou toda classe de abuso contra os indígenas que até hoje continua vivo na memória). Outros missionários tinham avisado que quem vai com a FUNAI não pode ter direito civil nenhum; não pode ter título eleitoral, não pode estudar ou mandar filhos para o Internato.

Todos os povoados, mais de vinte, nos contaram isso usando as mesmas palavras, deixando-nos sem dúvida que o assunto foi explicado exatamente assim pelos Padres. (1)

Apesar desta propaganda tanto maliciosa como sutil, ficamos impressionados com o fato de os indígenas, mesmo assim, nos terem recebido aberta e amigavelmente. Alguns nos explicaram que já fazia muito tempo que eles deixaram de acreditar em tudo que lhes falavam os padres, outro indígena ficou muito indignado com a proposta de pagar impostos ao INCRA dizendo: "Meus avós estão enterrados nessa terra, eu também vou acabar enterrado nessa terra, e segundo a Bíblia dos padres fomos criados de terra - então como que de repente vem cobrando impostos para essa terra que já é nossa?"

Mas alguns ficaram desconfiados da FUNAI, e fiquei sabendo que os povoados visitados por Dr. Emerson e eu em março de 1974, tinham sofrido represálias em forma de castigos verbais e de denúncia pública na missa, frente a todos, reunidos para festa na Missão, por ter falado mal dos padres. Certos índios então preferiram não falar conosco sobre seus problemas econômicos, educacionais, e de saúde. No outro extremo encontramos os que não paravam de contar casos de Missão explorando indígenas; talvez o caso mais citado foi o das "Campanhas da Fraternidade" de 1968 e 1969 quando o

¹ Em conversa posterior o Padre Norberto confirmou ter falado aos índios sobre a FUNAI e INCRA; embora sua versão da estória tenha sido muito mais atenuada.

Diretor da Missão de Javaretê, o padre italiano José DallaValle pediu parte das colheitas e de todo produto indígena - farinha, galinha, peixe, artesanato - que foi trazido e juntado nas escadas da igreja. Depois todos estes produtos sumiram no armazém da Missão. O Padre DallaValle explicou que era uma tentativa de ensinar caridade aos índios que, acostumados demais a receber ajuda, deveriam aprender a dar ajuda para povos desprovidos em outras partes do mundo.

Fora das reclamações contra a Missão, que eram muitas e constantes, e que abrangiam a situação total, notamos muita inveja ou ressentimento em relação aos indígenas da margem colombiana. As quatro missões colombianas do Papurí estavam em desenvolvimento muito avançado de programas de "acción comunal" desde ... 1969. Informações maiores sobre a "acción comunal" colombiana se encontram na página 60 desse relatório.

Em geral, o ânimo dos indígenas do Papurí é muito baixo. Entre vinte e dois povoados visitados por nós, os dois mostravam-se unidos, animados, prontos a trabalhar para alcançar o programa que queriam. Em Santa Luzia e em Uinapixuna disseram que com ferramentas e sementes eles passariam a produzir novos produtos como arroz e feijão e criar animais, tanto para melhorar sua alimentação como para ter produtos para comerciar no mercado da cidade de Uaupés. O problema maior seria de transporte, devido às numerosas e perigosas cachoeiras.

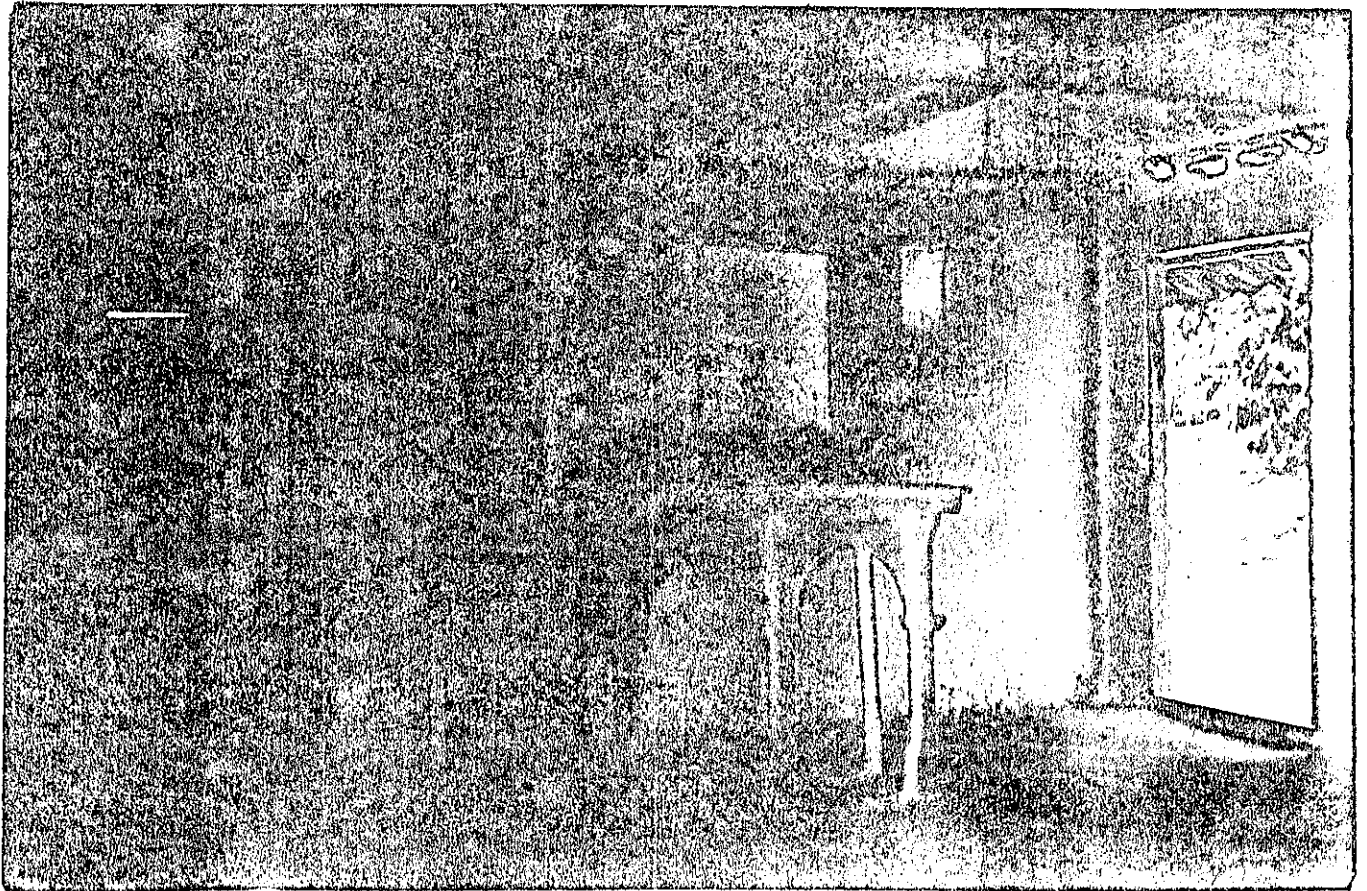
Na maioria dos outros povoados os habitantes consideravam a FUNAI como fonte de presentes - queriam que a FUNAI lhes trouxesse sabão, sal e todo tipo de mercadoria, preferivelmente gratuito, e que a FUNAI arranjasse transporte para seus produtos até o mercado. Eles se apresentavam como "pobres coitados" sem recursos e sem saídas.

Resumindo a situação no Rio Papurí, podemos dizer que o problema básico ali é a ausência de mercado e a distância

até a Missão, onde estão concentrados todos os serviços assistenciais, além de ser o único lugar para comércio. O sentimento de miséria é acentuado pelo programa visível dos indígenas colombianos do outro lado do rio; mas também constatamos que as Missões Colombianas nunca recusam de dar tratamento médico gratuito a qualquer índio brasileiro e lhes vender mercadorias. A única coisa que a Missão Colombiana não aceita é comprar farinha e bananas dos índios brasileiros por falta de consumo local.

Um índice bem claro da situação econômica do rio Papurí é o grande número de homens que, alguns há muitos anos, têm saído para procurar trabalho. Ao lado, sabemos de trinta e seis homens trabalhando na Colombia e nove trabalhando em Vaupés ou mais abaixo no Brasil. Isto quer dizer que 45 homens maduros entre a população total do rio Papurí - ou seja 20% tem saído a procura de trabalho e melhores condições econômicas. (2)

² Foi por nós levantado o total de 990 habitantes no rio Papurí. Considerando que tres quartos, aproximadamente, dessa população é constituída de velhos, mulheres e crianças, concluímos que 20% dos homens abandonam definitiva ou temporariamente a região do Papurí



Altar numa casa indígena, povoado
de Tucunará. Rio Papuri.
Novembro, 1974

- O Rio Uaupés

A situação sócio-econômica e o estado moral no alto Rio Uaupés, acima de Iauaretê, não era muito diferente da do rio Papurí. O Alto Uaupés tem um trecho de uns quinze quilômetros entre Jacarô e Japu-ilha onde se encontram oito cachoeiras extremamente potentes e perigosas, tornando qualquer navegação muito trabalhosa e lenta. Embora existam esses obstáculos, o Rio Uaupés continua sendo uma via esporádica de transporte fluvial e os habitantes dos povoados situados nas cachoeiras de vez em quando encontram oportunidade de lucro, ajudando a arrastar canoas e carregar cargas. Quarenta anos atrás, na época da borracha, quando todo o Alto Uaupés na Colômbia era abastecido com mercadoria trazida rio acima, de Manaus o trânsito era grande; hoje os viajantes do Alto Uaupés são principalmente os missionários e os carabineiros do Corregimento colombiano de Iauaretê.

Os indígenas brasileiros que moram acima desse trecho encachoeirado vão mais para Mitu na Colômbia para comerciar, Mitu fica mais perto e os preços da mercadoria e as oportunidades para trabalho são melhores.

Todos os povoados de Jandu-ilha a jusante do Uaupés, onde termina o caminho que vem do Aiari, lembravam e queriam saber dos senhores da FUNAI que haviam passado lá há uns sete anos, prometendo - segundo os indígenas - abrir uma escola profissional e um armazém na área.

Muitos dos povoados do Alto Uaupés, mesmo os situados na margem brasileira, cultivam suas roças na margem colombiana onde a terra é melhor. As terras acessíveis da margem brasileira são do tipo "catinga", arenosas e alagadiças. Atualmente o lado colombiano conta com poucos habitantes e não têm surgido problemas. A missão tenta convencer os indígenas a cultivar exclusivamente do lado brasileiro, mas sendo os missionários também conscientes da

pobreza da margem brasileira para a agricultura, não fazem muita pressão. Para os indígenas a divisão de terra colombiana e brasileira é assunto e problema de brancos; na opinião indígena a terra de ambos os lados do rio é indígena, deles, desde a criação do mundo.

Na foz do Querarí, fronteira do Brasil no Uaupés, mora o Senhor Adriano Codinho, nascido em Portugal em 1902 e estabelecido nesse lugar desde 1932, na época em que ali funcionava um Posto do SPI. Este senhor se considera autoridade na fronteira. Nos trouxemos várias cartas encarregando-o da Coletoria de Rendas (do Ministério da Fazenda), Vigilante da fronteira (do Comando Militar do Amazonas) e duas cartas do SPI. A primeira, assinada por Carlos Pinto Correa em 1950, o encarrega de "resolver todos os assuntos que se prendam ao SPI", e a segunda assinada em 1956 por Alípio Edmundo Lage cometendo-lhe a tarefa de "evitar invasão das terras indígenas e zelar pela ordem e bem estar dos silvícolas, dando ciência a esta Inspeção todas as ocorrências verificadas". O Senhor Codinho reclama nunca ter recebido qualquer remuneração por ter cumprido esses cargos tantos anos, e agora quer pelo menos uma aposentadoria da FUNAI. Durante todo este tempo ele se tem mantido com vários tipos de comércio com os indígenas, principalmente comprando pássaros para exportar rio abaixo, trocados por espingardas brasileiras e outras mercadorias.

Do antigo posto do SPI não sobreviveu nada, apenas uma capocira onde se encontra o cemitério dos antigos encarregados do SPI e suas famílias.

Em geral, os problemas mais sofridos no Alto Rio Uaupés não eram muito diferentes dos do Rio Papurí, embora no Uaupés não possa ser aproveitada a proximidade e hospitalidade das Missões colombianas, como é o caso no Papurí.

Em ambos os casos, Uaupés e Papurí, os problemas eram os seguintes:

- 1) falta de remédios, custo dos remédios na Missão, ausência

de medico;

- 2) A estrutura de preços na Missão onde a mercadoria é muito cara e o produto indigena de baixo valor, sem ter alternativas;
- 3) o custo de cadernos e textos nas escolas, e o problema de alimentar as crianças dos povoados pequenos, que vão estudar nas escolinhas primárias que existem em alguns povoados maiores;
- 4) falta de uma "cooperativa", embora ninguém entenda muito bem o que seja uma cooperativa;
- 5) falta de uma escola profissional onde possam aprender profissões que lhes dariam emprego de rendimento econômico - mecânica, carpintaria, marcenaria, criação de gado etc. Alguns acham que a educação atual de ginásio é sem aplicação na realidade sócio-econômica em que se encontram.



Povoado de Cachoeira de Caruru

Rio Uaupés

Dezembro, 1974.

- O Rio Tiquiê e o Baixo Rio Uaupês

No Rio Tiquiê e no Baixo Rio Uaupês a situação econômica e o estado moral dos indígenas é marcadamente diferente do que se verifica no Rio Papurí e no Alto Rio Uaupês. No Rio Tiquiê e por iniciativa própria dos indígenas formaram-se duas grandes cooperativas de produção e transporte que, nesse ano, estão chegando a beneficiar os participantes. Entre os vários fatores que distinguem essa área do Papurí e Alto Uaupês, e que facilitaram a formação dessas cooperativas, conta-se a ausência de cachoeiras no Tiquiê e no Baixo Uaupês até a cidade de Uaupês (São Gabriel da Cachoeira). Este fato facilita o transporte por lanchas com motor de centro. Além disso o recente e rápido crescimento da cidade de Uaupês, devido à chegada das companhias de construção de estradas da Perimetral Norte. Contando com os trabalhadores das companhias a população de Uaupês tem quintuplicado nos últimos dois anos e o mercado para qualquer tipo e quantidade de comida produzidos pelos indígenas é bastante favorável.

Ficamos com a impressão que, enquanto os indígenas do Papurí e Alto Rio Uaupês se consideram "pobres coitados" desanimados e sem iniciativa própria para melhorar sua situação, os indígenas do Tiquiê não iriam esperar que a Missão, a FUNAI ou qualquer outro órgão assistencial colocasse toda a solução em suas mãos - ao contrário, eles se animaram para realizar seu progresso por iniciativa própria. Naturalmente tal iniciativa na frente econômica tem suas conseqüências políticas: os indígenas descobrem que "a união faz a força" e que eles têm direitos, capacidade e responsabilidades que durante anos não têm sido reconhecidos pelos missionários.

Com centro no povoado indígena ao lado da Missão de Pari-cachoeira, a cooperativa UFAC (União Familiar Animadora Cristã) abrange a maioria dos povoados acima de Pari no Tiquiê. Fundação

1970 e apoiado pela Missão que lhes arranhou uma doação de Cr\$. . . . 17.350,00 da MISEEOR, organização católica de caridade da Alemanha, para comprar o motor da lancha, a UFAC também entrou em contato com a FUNAI no fim de 1973. Além de querer assistência em forma de remédios e cadernos para os alunos das escolas, a maior preocupação da UFAC é que a FUNAI resolva definitivamente o problema de terras. Este assunto, com a documentação completa fornecida pela UFAC, se encontra na página 45 deste relatório.

Abaixo de Pari, com centro em Bela Vista, existe uma outra cooperativa, sem nome formal e ainda não registrada em Manaus como no caso da UFAC, conhecida como a "cooperativa do Pedro Vaz". Pedro Vaz, indígena Dessoano, organizou uma cooperativa que inclui todos os povoados do Tiquié abaixo de Pari-cachoeira. Sem ajuda exterior nenhuma, a cooperativa logrou comprar uma pequena lancha com motor de centro de 6 HP de um comerciante regional ao preço de Cr\$ 10.000,00.

No começo dessas cooperativas o Padre Antônio Escolar, Diretor da Missão de Pari-cachoeira naquela época, apoiou e favoreceu muito a cooperativa da UFAC, enquanto a outra cooperativa de Pedro Vaz nunca ganhou a aprovação deste Padre. Hoje o Padre Diretor, Norberto Hohenschirer, está fazendo o contrário; segundo ele a cooperativa da UFAC recebeu tanta ajuda externa mas nunca atingiu uma verdadeira união, enquanto a cooperativa de Pedro Vaz se estabeleceu sem ajuda externa nenhuma e criou um verdadeiro espírito de união entre os cooperados. É importante salientar que a UFAC está movimentando e documentando a reclamação sobre o assunto das terras sagradas indígenas (cemitério dos antigos) invadidas pelo gado da Missão, o que talvez esteja influenciando a opinião do Padre Hohenschirer.

A documentação desse caso mandada para a FUNAI foi feita sem a ciência e aprovação da Missão. Também observamos que a

UFAC, estando ao lado da Missão em Pari-cachoeira, enfrenta diariamente a tentativa da Missão de manter poder exclusivo sobre todos os aspectos da vida indígena, enquanto a comunidade de Pedro Vaz, mais afastada, não tem essa confrontação constante. A Missão está projetando reduzir progressivamente até fechar, o comércio em seus armazens para que a cooperativa de Pedro Vaz cresça até assumir todo o comércio da região.

Para os dissidentes da UFAC a Missão tem espalhado ameaças de trazer soldados para os disciplinar. Antes do nascimento dessas cooperativas até hoje, a presença de comerciantes regateando no Tiquiê e baixo Uaupês tem sido um elemento muito importante em despertar o povo indígena. Depois de ter comerciado muitos anos com esses comerciantes, os indígenas começaram a entender que não era preciso sustentar os gastos e lucros de um comerciante, poderiam eles mesmos fazer o transporte e o comércio, eliminando a necessidade e o custo de intermediário.

A MISSÃO SALESIANA

Qualquer descrição ou análise de qualquer assunto - seja social, econômica, política ou religiosa - dessa área indígena do Uaupês, torna indispensável e inevitável tomar em consideração extensa a Missão Salesiana.

- Estratôgia social

Dentro das Paroquias a Missão estrutura subgrupos de povoados com nucleos definidos como "comunidades de Base". Esses últimos são os povoados maiores que tem escolinha, capela e, às vezes, centros sociais. A organização interna de cada povoado tem mais ou menos o seguinte modelo ideal (segundo o Padre DallaValle de Iauaretê):

Capitão

Vice-Capitão

Catequista

Vice-Catequista

Professor (a)

Animador de artesanato

Animador das roças

Animador das casas

e os Vice Animadores

Esses varios funcionários deveriam se reunir com todos os habitantes do povoado para discutir os problemas e obras da comunidade. Quem, entre esses varios funcionários, recebe maior apoio e favor da Missão é indubitavelmente o Catequista. Em certos lugares exercem o seu ôficio com tanto zelo que os outros indígenas os tratam de "padres". São os catequistas que tomam conta das caixas de remédios fornecidas pela Missão e são eles que recebem orientação sobre o seu uso. Os Catequistas este ano irão assistir

pelo menos tres cursos na Missão, sobre catequismo, liderança e vida comunal e desenvolvimento, entre outros assuntos. São, frequentemente, então, os catequistas que melhor falam e escrevem português e que assumem a autoridade e responsabilidade de falar em nome do povoado. Também os catequistas servem de olhos e ouvidos para a Missão, informando tudo que acontece dentro e fora da comunidade.

A instituição de chefia - os capitães ou tuchauas - tem enfraquecido seu antigo poder dos tempos tradicionais. Hoje os capitães são emasculados sem funções indispensáveis; são poucos os que impõem respeito e dão exemplo aos povoados.

- Trabalhos comunitários

Em todos os povoados a Missão estimula ou incentiva o povoado a realizar certos trabalhos comunitários. Muitas vezes os índios dizem que a Missão "manda", mas os missionários alegam que apenas "estimulam" ou "animam".

Em certas comunidades, especialmente aquelas "de base", a Missão tem entregue, a título de empréstimo, um casal de gado bovino. O pagamento do empréstimo será feito com um casal, criado do gado originalmente entregue. Em alguns povoados isto parece ter dado bons resultados, em outros, a falta de conhecimento e experiência tem levado a perder os animais e o abandono do projeto.

Em quase todas as comunidades a Missão tem incentivado a produção de roças da comunidade e em certos povoados isso tem funcionado muito bem. Os produtos da comunidade servem para financiar material escolar para os alunos dos povoados e para o "agradecimento por caixas de remédios entregues à comunidade". O povoado de Santa Luzia é incentivado com a promessa de uma "voadeira" e um motor de popa, quando terminarem a construção da igreja e da

escola.

Em quase todos os povoados se encontram capelas ou até igrejas feitas de cimento e tetos de zinco. As escolinhas são construções mais rudimentares e se encontram somente nos povoados maiores. Em todo lugar se nota uma presença impressionante de cruzes e sinos que são tocados varias vèzes por dia pelo catequista para chamar o povoado a rezar.

- Concentração de poder

Nas páginas seguintes desse relatório examinaremos em maior detalhe a atuação da Missão nos vários campos de economia, educação e saúde. Apesar das críticas feitas a vários aspectos da atuação da Missão, reconhecemos que desde 1952, quando o SPI se retirou da área, a Missão foi o único órgão assistencial para atender aos índios. Há sessenta anos, quando a Missão se instalou, a área era muito diferente, o bem-estar dos índios estava ameaçado ou atingido pela avidez da exploração da borracha.

Esse isolamento e autonomia da Missão resultou em várias conseqüências. De um lado deu uma continuidade e homogeneidade ao processo civilizatório dos índios. Mas, por outro lado, o mundo e os valores que os padres promoveram entre os índios são muito diferentes da frente pioneira branca que se está desenvolvendo rapidamente em Uaupés. Também observamos a concentração de todos os poderes e serviços na Missão - instrução religiosa, educação, assistência médica, monopólio de comércio, autoridade civil, serviço de correio, serviço de meteorologia, organizador e orientador das eleições e controle total das quotas nos aviões de linha e carga da FAB.

- Monopólio econômico

O monopólio econômico da missão impressiona tanto aos índios como a qualquer visitante ou investigador. Sem conhecer todos os fatos da vida financeira da Missão é impossível avaliar se os lucros do comércio ultrapassam os gastos em outros setores. Mesmo que a mercadoria seja comprada em quantidade no sul, às vezes diretamente da fábrica, algumas vezes sendo produtos rejeitados por pequenos defeitos e então mais baratos, os preços nos arma

zens da Missão são bem mais altos que em Manaus ou no sul do país. Essa diferença o Padre Dalla Valle explica que os preços altos na loja da Missão são devido ao custo do transporte fluvial, que custa em torno de Cr\$3,00 por kilo desde Manaus. O Padre Dalla Valle insistiu que os voos dos Bufalos da FAB trazem apenas a comida para as crianças dos internatos, nunca mercadoria. Mas durante as duas semanas depois da declaração do Padre chegaram dois voos de Bufalo trazendo entre outras coisas, mercadorias para o armazem. O Senhor Irmão Guilherme, que controla todo o comércio da Missão de Iauarete, nos afirmou: "Aqui nós não fazemos comércio, apenas promoção humana".

Notamos que a Missão é muito sensível ao assunto comércio. Quando perguntamos como justificar a venda de uma canastra (tipo urutu) na loja da Missão em Manaus (O Museu do Índio) por .. Cr\$ 40,00 quando o índio fabricante recebeu no máximo Cr\$5,00, O Padre Dalla Valle diz que nada sabia disso, mas depois mandou avisar a loja em Manaus para tomar cuidado, pois estavam sendo fiscalizados. O Irmão irlandês, de Taraquã, Tomas Hanley, diz que a parte mais odiosa da obra da Missão é o comércio. O Padre Dalla Valle diz que para evitar críticas, a Missão da Paroquia de Iauareté fechará a loja, convidando um comerciante para regatear na área. Duvidamos que a medida promoverá o melhoramento da situação econômica dos indígenas.

-- Descentralização da educação

No campo da educação achamos boa a política de descentralização, começada pela Missão com as escolinhas rurais que ensinam o primeiro ano e, em certos povoados indígenas até o terceiro ano. O Bispo diz que a falta de dinheiro resultará no fechamento do sistema de internatos, mas ainda não sabemos qual solução ou alternativa está planejada.

TERRA

Em toda essa região o povo indígena ficou assustado e confuso com a notícia espalhada pela Missão, de que cada indivíduo teria que demarcar seu terreno e registrá-lo no INCRA para depois pagar impostos. Posteriormente a Missão desmentiu a notícia e hoje os missionários dizem que isso foi um simples malentendido. De qualquer modo, um resultado dessa confusão foi de levantar dúvidas entre os indígenas.

A situação dos indígenas realmente está envolta em muitas dúvidas. O Decreto nº 51.028, de 1961, criou a Reserva Florestal do Rio Negro com os seguintes limites:

ao norte com o Rio Içana,
a leste com os Rios Içana e Negro até sua confluência com o Rio Uaupês,
a oeste com linhas de fronteiras com a Colômbia e com o Rio Uaupês, no trecho de fronteira com o mesmo país,
ao sul pelo Rio Tiquiê desde a intersecção do seu curso com a fronteira da Colômbia até sua confluência com o Rio Uaupês, daí pelo Uaupês até sua confluência com o Rio Negro.

Os artigos 4 e 5 deste Decreto dizem que serão respeitadas as terras do índio, e que caberá ao Serviço de Proteção ao Índios o trabalho de assistência.

O estatuto legal dessas terras dos indígenas parece mudar um pouco segundo o artigo 5º do Decreto nº 62.998 de 1968 (que criou o Parque Nacional Indígena de Tumucumaque) que diz:

"São consideradas áreas reservadas aos índios os parques ou reservas florestais, criadas em leis ou decretos, desde que nelas habitem, no todo ou em parte, tribos indígenas, aplicando-se, no que

couber, o regime estabelecido neste Decreto".

Assim, a Reserva Florestal do Rio Negro, por ter mais de 15.000 indígenas espalhados por toda sua extensão, passa a ser uma área reservada indígena. Mas aqui surge uma série de problemas:

Primeiro, se a Reserva Florestal do Rio Negro é uma área reservada indígena, qual das quatro categorias de área reservada (distinguidas no Artigo 26 do Estatuto do Índio como reserva indígena, parque indígena, colônia agrícola indígena, território federal indígena), se aplica a este caso.

Segundo, se a área reservada segue estes limites da Reserva Florestal ficam excluídos os indígenas morando na margem sul do Tiquié e também nos afluentes localizados ao sul do Tiquié, como o Rio Irã, Igarapês Samauma, Castanho e outros.

Terceiro, mesmo que no INCRA em Manaus não se encontre nenhum título registrado, existe pelo menos três grandes propriedades, ou latifúndios, dentro da Reserva Florestal/Área Reservada Indígena.

A Missão Salesiana de Iauaretê, alega ser dona de 43.560.000 m² pela Lei nº 1336 de 4 de outubro de 1927. Essa terra, além de conter cinco aldeias indígenas, a pista e as instalações da FAB e as instalações da Celetrazon, tem como limites em dois lados as próprias linhas fronteiriças do Brasil com a Colômbia. A Missão de Iauaretê não tinha o título para confirmar essa alegação, apenas tinha uma planta desenhada a mão, sem escala.

A Missão Salesiana de Taraquã tampouco tem título para mostrar, mas alega ser proprietário de uma faixa de cinco quilômetros de frente do Rio Uaupês com um quilômetro de fundo, ou seja 5.000.000 m².

A Missão Salesiana de Pari-cachoeira, no Rio Tiquié, também alega ser dona de uma faixa de terra de seis quilômetros de

frente do Rio Tiquiê e do lado norte, variando de 1 a 2 quilômetros de fundo. O Padre Diretor atual diz que ele não tem o título, e ele não conhece os limites exatos da terra da Missão.

Todos os títulos dessas alegadas propriedades, segundo os padres, estão com o Bispo da Prelazia do Rio Negro, Dom Miguel, em Uaupés.

Existe um caso de invasão de terras indígenas pela Missão Salesiana de Pari-cachoeira, denunciado pelos indígenas donos daquela terra numa carta dirigida para a Presidência da FUNAI em outubro de 1973. Trata-se de uma faixa de terras na margem sul do Tiquiê, na frente da Missão, sítio com um total de nove malocas pertencentes aos antepassados dos Tucanos atuais. A Missão desmatou a terra e ocupou iniciando uma criação de gado. Para os Tucanos a terra é sagrada, tendo seus antepassados sido enterrados dentro dos sítios das antigas malocas, conhecida prática funerária da cultura dos Tucanos e outras tribos da região.

Esta terra é fora da doação que o antigo chefe dos Tucanos, Duetiro, fez quando recebeu os primeiros missionários há uns trinta e cinco anos. Essa terra é também fora dos limites da alegada propriedade da Missão, que estaria, segundo os padres, somente à margem norte do Tiquiê.

Esta terra, estando localizada à margem sul do Tiquiê, também fica fora da Reserva Florestal do Rio Negro e da Área Reservada Indígena.

Os missionários atuais de Pari-cachoeira sabem que não tem nenhum direito legal sobre estas terras, mas se desculpa dizendo que o gado é para sustentar os alunos do Internato da Missão.

Dizem ainda que se os índios insistirem eles retirarão o gado da terra. Os índios, por sua vez, afirmam que estão, há muito tempo, pedindo a retirada do gado.

A SITUAÇÃO DA SAÚDE- Padrão de saúde atual

Quanto ao padrão de saúde atual na área do Uaupés, queremos aqui esclarecer um malentendido surgido no relatório preparado por mim e o Dr. James Emerson MD em abril de 1974. Na introdução do relatório, na página número 1, primeiro paragrafo, dizemos: "O presente estudo, no campo médico, encontrou 75% com anemia, 30% com parasitas intestinais, 15% com várias conjuntivitis e mais que 8% com tuberculose". Mas, como ficou claramente explicado, com detalhes, na página 73, estas percentagens correspondiam aos casos examinados, não total dos índios na área. Dos Maku visitados, encontramos um entre tres que necessitava algum tratamento; entre os Índios do Rio (Tucanos, Bessanos, Tarianos etc.) um entre cada quatro indígenas que precisava de tratamento. Por enquanto não temos suficientes dados médicos da área indígena inteira para fazer estimativa da incidência estatística das várias doenças para o Uaupés em geral.

Esperamos que o médico Dr. Alfredo, da 19 DR da FUNAI, que durante as últimas duas semanas de outubro esteve trabalhando na vizinhança de Iauareté, forneça mais dados sobre este assunto.

Mesmo sem ainda ter estatística precisa, não existe nenhuma dúvida de que o padrão geral de saúde é péssimo, e que as doenças mais prevalentes são aquelas citadas acima - anemia, parasitas intestinais, várias conjuntivitis e tuberculose. Aqui frisamos de novo a necessidade de um rígido e completo programa de imunização total, junto com um serviço de saúde móvel, bem apoiado e administrado e gratuito.

Também constatamos um grande número de indígenas que estão doentes de Hernia e Tracoma, doenças que não podem ser trata

das sem intervenção cirúrgica, mesmo sendo estas operações de menor escala. Por enquanto não existem condições em Manaus para transportar, receber, operar e convalescer casos que não são urgentes. A chamamos que a única solução seria montar as condições para realizar estas operações na área indígena.

- A Missão Salesiana no trabalho de saúde

Numa entrevista conosco em 21 de março de 1974, o Bispo da Prelazia do Rio Negro declarou que para saúde a Missão tem anualmente Cr\$ 36.000,00, dados pela Legião Brasileira de Assistência e Cr\$ 24.000,00 pelo FUNRURAL. Segundo o Bispo, esses fundos não são suficientes sequer para pagar os salários dos atendentes dos oito hospitais que a Missão mantém na área do Rio Negro.

Mas, nós constatamos que nos tres hospitais que a Missão tem dentro da área indígena do Uaupês (Iauareté, Taraquã e Pari-cachoeira) não existem atendentes leigos, senão freiras religiosas. Nesses hospitais existe grande estoque de drogas, sendo uma grande parte dos remédios fornecida pela CEME, ou seja, gratuitamente, e outras fontes também gratuitas.

A venda de remédios pela Missão, denunciada em nosso relatório de abril de 1974, continua, segundo uma grande proporção de informantes indígenas. Os indígenas citam casos específicos - um cruzeiro para um comprimido de Anacin, doze cruzeiros para uma injeção de penicilina, dois cruzeiros para cada injeção anestésica no tratamento dentário; mas sempre existem certos indígenas, principalmente os catequistas, que negam ter pago os remédios recebidos. A Missão de Taraquã nega totalmente que esteja vendendo remédios, apenas cobrando aqueles remédios ou injeções que a Missão tem que comprar. Em Pari-cachoeira o Padre Diretor, Norberto Hohenschirer diz que os remédios não são vendidos mas que os índios são "estimu

lados pela Missão a "dar um agradecimento" por tratamentos e remédios recebidos para ajudar a sustentar o hospital, e também com motivo de acabar com o paternalismo da Missão, para que os índios não continuem pensando que tudo vem de graça. É certo que nas Missões atualmente nada é de graça, tudo é cobrado. A Freira enfermeira na Missão de Iauaretê afirma que ela não cobra os remédios, apenas exige um agradecimento para que os índios valorizem melhor os tratamentos dados.

Fora da questão se os remédios são cobrados ou não, queremos levantar sérias dúvidas sobre a eficiência e preparo das freiras que administram os tratamentos. Quero frisar claramente que não estou criticando o fato das freiras não serem médicas; suponho que dentro da formação e orientação que tem, estão fazendo o que podem. Mas quero criticar sua incapacidade de reconhecer suas próprias limitações, e de serem honestas sobre a realidade da situação da saúde. As Freiras mostram tanto afã de nos convencer que são melhores que médicos, que qualquer doença na área elas já tem tratado e curado, que não existe caso que elas desconheçam etc., que ficou muito difícil constatar a realidade da situação de saúde na área.

Por exemplo, tanto em Iauaretê como em Pari-cachoeira, os Padres apresentam as Freiras enfermeiras como "praticamente médicas". A Freira enfermeira de Iauaretê conta como ela tratou mais de sessenta casos de tuberculose no ano passado. Segundo alguns dos índios tratados, o tratamento variava de duas semanas a dois meses de aplicação diária de injeções de penicilina. Qualquer autoridade médica sabe muito bem que tratamentos parciais de tuberculose são piores que nenhum, uma vez que o tratamento mal administrado gera tuberculose crônica. Outros indígenas tuberculosos encaminhados para tratamento em Manaus pela FUNAI, foram recusados no hospital em Iauaretê.

Outro caso ilustra melhor a atitude da Missão no campo de saúde. Quando estávamos em Pari-cachoeira, chegou a notícia de um surto de sarampo nos povoados do alto Tiquiê. O Padre Diretor havia afirmado que todos, absolutamente todos os indígenas na área estavam vacinados contra sarampo. A Freira enfermeira também insistiu que todos eram vacinados, que ela tinha fichas como prova. Mas os indígenas de todos os lados nos procuravam para nos pedir vacinas porque, segundo eles, a maioria da população não estava vacinada. Por sorte passou um Buzalo da FAB no qual viajava o Chefe do Posto Iauaretê. Nós, e também alguns indígenas, procuramos por ele nos poucos minutos em que o avião estava na pista descarregando, e pedimos que mandasse vacinas que a FUNAI havia fornecido para Iauaretê. No dia seguinte partimos para o povoado onde havia sarampo. Entre os 38 habitantes do povoado, só uma moça dizia ser vacinada contra sarampo. Na volta desta viagem, a FUNAI já havia mandado, com a FAB, 750 vacinas contra sarampo para a Missão de Pari-cachoeira, e nós encontramos a Freira enfermeira vacinando algumas centenas de indígenas no povoado da Missão e no povoado mais perto do rio abaixo.

Contamos este caso para ilustrar nossa observação de que a Missão se preocupa mais em dar uma excelente impressão de grande eficiência, que em admitir as limitações, deficiências e dificuldades que dariam pelo menos indicações sobre a situação verdadeira e de como melhorar. Parece que para a Missão sua própria imagem tem mais importância do que a saúde dos indígenas.

Outro caso a ser mencionado é o das caixas de remédios que a Missão fornece aos catequistas de cada povoado. No Uaupés e Papuri constatamos que essas caixas eram fornecidas em troca de "agradecimentos" em forma de produtos alimentícios ou artesanais. A maioria das caixas estava quase vazia, outras tinham remédios vencidos ou de aplicação desconhecida, sendo as indicações es

critas em italiano. Nas caixas sempre sobravam os colírios, pomadas e iodos que a Freira enfermeira de Iauareté preparava ela mesma. Os índios diziam que eram misturados com água ou álcool e raramente davam resultado.

Como indicador da desconfiança dos tratamentos que a Missão inspirava entre os índios por tais práticas, nota-se que desde que o PI da FUNAI em Iauareté ficou abastecido com remédios da CEME e desde que chegou o atendente de enfermagem da FUNAI, quase nenhum indígena procura mais a assistência médica da Missão, enquanto a FUNAI atende um número de doentes que vem aumentando dia a dia.

SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Segundo as informações obtidas em 1974, a Prelazia do Rio Negro mantém 77 escolas para 3966 alunos, das quais 64 escolas e 2876 dos alunos estão no Município de São Gabriel, área da concentração indígena, que inclui o Rio Uaupés.

Usando os dados sobre a obra educativa fornecida pela Prelazia em 1974, podemos calcular a distribuição de séries, escolas e alunos:

| Série | Escolas | Alunos |
|-------|---------|--------|
| 8ª | 1 | 24 |
| 7ª | 1 | 35 |
| 6ª | 3 | 132 |
| 5ª | 3 | 152 |
| 4ª | 5 | 193 |
| 3ª | 6 | 302 |
| 2ª | 13 | 428 |
| 1ª | 56 | 1453 |

Das 64 escolas da região do Rio Uaupés, 43 são unicamente de 1ª. série, havendo apenas 6 escolas com a 3ª. série. As escolas que têm a 1ª. série são aquelas das aldeias indígenas, dirigidas por professores indígenas e treinados pela Missão pagos pela Prefeitura do município; as escolas com séries superiores mantêm regime de internato nas sedes das Missões.

Numa entrevista realizada em 21 de março de 1974, o Bispo explicou que tinha que manter a educação de 1.200 internos da Prelazia com uma verba anual do Ministério de Educação e Cultura de apenas Cr\$ 700,00 que dava Cr\$1,20 por aluno por dia, segundo seus cálculos.

Aforá a verba citada acima, a manutenção das escolas do distrito de São Gabriel é feita pela Prelazia com a colaboração do Governo Estadual e Prefeitura Municipal, mediante convênio. Os 42 professores são pagos pela SEDUC e Prefeitura Municipal.

pal; no município o MEC e UNICEF fornecem material escolar, o CEME e CARITAS fornecem uma quantidade mínima de merenda escolar.

O MOBREAL mantém centros para educação dos adultos em São Gabriel e Pari-cachoeira.

Acima temos o esquema apresentado pela Missão que confrontado com a realidade apresenta os seguintes problemas:

- a) falta ou atraso dos salários dos professores das escolinhas locais,
- b) falta de material escolar como: mapas, quadro-negro, giz, etc.,
- c) não raro os professores das escolas locais tem que comprar material escolar com seu próprio dinheiro,
- d) falta de professores em alguns povoados, provocada pelo não recebimento dos salários ou por falta de condições de trabalho.

Um problema sério enfrentado pelos pais que têm sas filhos estudando nas escolinhas de outros povoados, uma vez que nem todos os povoados têm escolas, é o da alimentação. Normalmente as crianças são mandadas para a escola levando como alimentação para todo o ano letivo apenas farinha. Às vezes recebem complementação com frutas, mas nem sempre. Muitos desistem de estudar por passarem fome.

É importante notar que a educação não é gratuita e tampouco é assistida. O material escolar tem que ser comprado nas dispensas das Missões e não sai barato. Por exemplo:

| | |
|-------------------------|-----------|
| Caderno de 16 folhas | Cr\$ 1,50 |
| Caderno de 50 folhas | Cr\$ 3,00 |
| Caderno de 100 folhas | Cr\$ 5,00 |
| Texto para primeiro ano | Cr\$ 8,00 |
| Texto para segundo ano | Cr\$ 6,00 |

| | |
|--------------------|------------|
| Texto de ingles | Cr\$ 13,00 |
| Texto de História | Cr\$ 12,00 |
| Texto de Geografia | Cr\$ 12,00 |
| Texto de Portugues | Cr\$ 12,00 |
| Texto de Ciência | Cr\$ 12,00 |

Raramente é possível a reciclagem dos livros dos ex alunos para os novos. Os Padres exigem que cada um compre seus livros particulares e também os livros indicados mudam frequentemente.

O custo dos textos e material seria razoável numa região onde existisse oportunidade para trabalho ou a venda compensadora dos produtos alimentícios ou artesanais. Mas, como explicaremos logo, a situação sócio-econômica destaca-se pela falta total de oportunidades econômicas para os indígenas conseguirem dinheiro para pagar os custos de educação e saúde.

pag. 54

esta - faltando.

ASPECTO SÓCIO-ECONÔMICO

Para que se tenha um conhecimento dos problemas existentes na área do rio Uaupés e seus afluentes, é preciso entender como se dão as relações e meios de produção que orientam e condicionam a situação no seu âmbito geral. É essencial entender que se trata de "índios que foram civilizados" - e que este processo civilizatório implicou na criação de dependência econômica-consumo de mercadorias de brancos. Roupa, sal, sabão, ferramentas e panelas tanto como remédios, textos, cadernos são meios tanto como símbolos de integração.

Atualmente os Índios mantêm relações principalmente com as missões e esporadicamente com os regatões (estes últimos são mais frequentes no rio Tiquié). Assim levam seu produto até a missão, onde estão os armazens e ali realizam a troca por mercadoria trazida, pelos missionários, de Manaus.

O produto indígena é obtido no povoado mediante um sistema de trabalho ainda tradicional, em que as mulheres plantam e colhem os produtos da roça, os homens queimam e preparam a terra para o plantio. As mulheres fazem a farinha e o beijú que constitui a base da alimentação. Os homens trabalham no artesanato, pesca e caça eventual.

Ao chegarem à Missão, os indígenas se deparam com um problema, qual seja, de verem seu produto totalmente desvalorizado com preços impostos pelos missionários. Aos índios não é dada nenhuma alternativa - ou ele aceita o preço imposto ou fica sem a mercadoria. Frente ao seu produto a mercadoria é muito mais valiosa. Sendo a missão o único entreposto de mercadorias mais acessível, o índio se vê numa situação de total dependência, tendo que aceitar o que lhe é dito. Isto tem gerado um certo descontentamento entre os indígenas, descontentamento este muitas vezes sufocado, pois qualquer manifestação implica no índio ficar sem poder comprar

nada no armazém da missão. Literalmente o missionário o proíbe de comprar ou trocar qualquer produto, privando-o de mercadorias já necessárias em sua vida diária.

Entre os produtos indígenas destacam-se: a farinha de mandioca que varia de preço desde Cr\$ 0,40, Cr\$ 0,60 até Cr\$1,00 por kg. conforme sua qualidade; banana Cr\$ 2,00 o cacho, cestas de palha (urutú) que variam de Cr\$ 3,00 a Cr\$ 6,00, pássaros como rouxinol, tucano e outros Cr\$ 25,00; afora porco, pato e galinha que raramente são consumidos pelos índios. São animais criados para levar até a missão e trocar por mercadoria. Na missão raramente se troca produto por dinheiro, geralmente é produto por mercadoria. Isto acarreta um movimento de índios brasileiros para Colômbia, onde seus produtos são vendidos.

Em recente conversa com o padre Norberto, da missão de Pari-cachoeira, ao serem abordados os problemas surgidos dessa política paternalista, em que o índio é totalmente dependente da missão, o padre revelou que a única solução seria fechar todos os armazéns das três missões obrigando desta forma o índio a encontrar suas próprias soluções. No Rio Tiquié, por iniciativa própria os índios já se organizaram em cooperativas. São duas cooperativas que abrangem todo o rio. Uma delas é a UFAC que inclui o povoado de Pari-cachoeira e os localizados rio acima, a outra de Pedro Vaz inclui oito povoados rio abaixo. Ambos possuem uma lancha para transportar os produtos até a cidade de Uaupés. Deste modo os índios do Rio Tiquié começam a promover sua própria independência, uma vez que as mercadorias necessárias são supridas não mais no armazém da missão, mas em Uaupés, onde os produtos tais como bananas, farinha, porco, galinha e pato são escassos. Esta escassez promove a valorização de tais produtos o que acarreta uma maior autonomia dos indígenas em relação à missão e aos regatões. Assim, parece oportuno o fechamento dos armazéns das missões uma vez que os próprios índios

começam a se movimentar no sentido de tornarem-se economicamente independentes. É preciso salientar que este processo de formação de cooperativas está ainda em fase inicial. Certos problemas de organização, junção dos povoados e distribuição de lucro, quais povoados irão participar com quais produtos etc., estão ainda por ser resolvidos - e a missão mantém seu armazém aberto.

Nos Rios Uaupês e Papurí a situação é muito diferente. Talvez devido às numerosas cachoeiras e a distância até a cidade de Uaupês, o transporte de produtos feito no Rio Tiquié por grandes lanchas torna-se inviável nos primeiros rios citados. Os produtos são levados até a missão individualmente ou com uma eventual colaboração. O estado de ânimo existente nos povoados destes rios é baixo. Não se julgam capazes de se organizarem em cooperativas. Dizem que após estudar na missão tantos anos não encontram meios de aplicar seus conhecimentos na vida diária no povoado. Assim nos falou o tuchaua de Jacarê, povoado localizado à margem do Uaupês:

--"Primeiro estava os colombianos que maltratavam e levava o pessoal. Depois os padres chegaram e pararam isso. Civilizaram. Ficou melhor. Mas agora para que serve essa civilização - queremos aprender a trabalhar".

Segundo a missão, são na paróquia de Iauaretê, 480 índios, incluindo os do Rio Uaupês e Papurí, emigraram para Colômbia e outros lugares em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Segundo nossos cálculos mais de 109 índios emigraram. Conforme nos falou um informante do povoado de Jandiá no Rio Papurí "a aldeia está com o trabalho perdido por falta de pessoas". Só neste povoado um grande número de pessoas saíram a procura de trabalho e o caminho mais direto é a seringa na Colômbia. De fato, não existe na área uma frente de trabalho permanente. Em todas as esferas da vida o dinheiro moeda se faz necessário. Como vimos na educação são necessários livros, cadernos, roupas; na área de saúde os remé

dios são obtidos mediante pagamento, seja com produtos tais como abacaxi, banana etc., seja em dinheiro. Enfim, nada é de graça.

Para a grande maioria o custo de educação é tão alto que resulta difícil manter os filhos nos internatos da missão. NO que diz respeito à saúde muitos deixam de procurar remédios por não ter o suficiente para pagar o cobrado pela missão. Um informante do povoado de São Paulo no Rio Papuñí nos falou "por causa da exploração dos padres muitas famílias foram embora - acabou o povoado todo", outros no povoado de Arara no Rio Uaupés declaram estarem os padres escravizando a todos.

Recentemente instalou-se ao lado da missão de Iauaretê uma companhia de luz chamada CELETRAMAZON que em sua fase inicial de implantação necessitava de mão-de-obra para construção de casas, ou seja, marceneiros, carpinteiros etc.. Vários índios saíram de seus povoados em busca de emprego. Porém todos sabiam ser o trabalho na CELETRAMAZON temporário. A quantidade de mão-de-obra disponível é enorme, conseqüentemente seu valor é baixo.

A produção de farinha para troca restringe muito a possibilidade de lucro para o índio, por duas razões: 1º) porque sua qualidade não corresponde à da farinha utilizada pelo "branco"; 2º) como conseqüência seu preço é muito baixo. Sendo assim torna-se necessária a diversificação da produção agrícola como o plantio de arroz, feijão, café, cacau, além de frutas já cultivadas como banana, abacaxi, côco, abobora e outros.

A MISSÃO COLOMBIANA E "EL ACCIÓN COMMUNAL" NA COLOMBIA

Sendo o Uaupés brasileiro uma área fronteiriça com a Colombia, cabe nesse relatório algumas informações sobre o desenvolvimento sócio-econômico na Colombia.

Os indigenas brasileiros dos Rios Papurí e Uaupés são parentes e membros das mesmas culturas que os indigenas que moram no lado colombiano. Transitam, visitam e comerciam continuamente, e também se casam frequentemente.

Até há uns cinco anos atrás a missão colombiana atuava de uma maneira muito semelhante à missão salesiana hoje, no Uaupés brasileiro. Mas desde 1969 se notam duas importantes mudanças que influenciam a vida dos indigenas do Uaupés colombiano.

Entre os missionários colombianos, especialmente os mais novos, espalha-se uma ideologia política de caráter socialista. Os jovens missionários se orientam com o pensamento inspirado pelos padres de Golconda e o padre Camillo Torres que foi morto como guerrilheiro. O jornalzinho da missão colombiana "Vaupés al Día" chama os pobres, indios e camponeses, a se organizarem contra "os ricos exploradores, incorporados no governo e apoiados por sua policia e prisões".

Ao nível mais concreto, desde 1970 o programa da Ação Comunal está implantado no Vaupés colombiano. "Acción Comunal" significa uma organização colombiana nacional governamental, que se aplica tanto entre povos rurais como em centros urbanos. Qualquer comunidade que deseje auxílio do governo precisa formar uma junta representativa, e se registrar como pessoa jurídica, para poder formular projetos de desenvolvimento comunitário. Estes projetos são avaliados pela "Acción Comunal" e sendo aprovados recebem financiamento direto - não se trata de empréstimos (facilidades de crédito existem através da "Caja Agraria"). Os projetos são periódicos

camente inspecionados pelos Diretores regionais do programa da Acción Communal, que calculam a continuidade de subsidios necessários e, em casos bem sucedidos, oferecem premios. Desse modo os tres povoados indigenas das Missões de Montfort, Piracuara e Teresita, no Rio Papurí, recebiam cada um 50.000 pesos em 1970; 50.000 pesos em 1971 e 25.000 pesos em 1972. Cada um desses tres povoados, contando com uns duzentos ou mais indigenas, aplicou o dinheiro de maneira semelhante, implantando criação de gado, também investindo em produção de cacau, rapadura, milho e outros projetos.

O ânimo e entusiasmo dos indigenas colombianos participantes desses projetos é impressionante, até os padres Salesianos, habitualmente críticos e medrosos de tais programas, voltaram de uma visita favoravelmente impressionados.

POSTOS DA ORGANIZAÇÃO EVANGÉLICA NORTE-AMERICANA "INSTITUTO
LINGÜÍSTICO DE VERÃO" INSTALADOS NA COLOMBIA, ATINGINDO
POVOADOS INDÍGENAS BRASILEIROS.

Existem dois postos do ILV: um no lado colombiano do Rio Uaupés frente ao povoado de Iutica, outro na margem colombiana do Rio Papurí frente a Anchieta, onde missionários norte-americanos atingem povoados brasileiros. Em cada posto existem casas dos missionários, com rádio-fonia ligado com a base em Lomalinda, Colombia, e pista de aterrissagem. Em ambos os lugares, os únicos indígenas próximos são moradores da margem brasileira.

No caso do posto em frente de Anchieta, Rio Papurí, trata-se de uma tentativa de convidar Maku que moram em território brasileiro, uns quilômetros adentro de Anchieta, de passar a morar na margem colombiana, para facilitar o estudo da sua língua e sua eventual evangelização. Alguns Maku mudaram para lá em 1970, mas a casa dos missionários foi queimada misteriosamente, e os maku voltaram para seu território tradicional no Brasil. O ano passado o ILV começou de novo a se instalar no lugar, e vários desses Maku do lado brasileiro foram levados até a base dos americanos em Lomalinda, Colombia.

O outro Posto do ILV, frente a Iutica no Rio Uaupés, está atuando há uns oito anos. O Senhor Nathaniel, missionário americano que opera no Posto, estuda a língua dos Uananos que moram no povoado de Iutica. A esposa de Nathaniel é enfermeira e presta tratamento e dá remédios gratuitos aos índios. Nathaniel vende mercadoria colombiana e norte-americana a preços baixos, e compra artesanato e outros produtos indígenas pagando bem. Nathaniel também tem uma serraria onde alguns índios trabalham e outros usam a maquinaria pagando só os gastos. É bem claro que os indígenas daquela localidade gostam muito de Nathaniel, embora saibam que a

Missão Salesiana de Iauaretê é totalmente contra. A Missão tem reclamado a interferência deste Nathaniel junto aos indígenas brasileiros, pedindo aos militares e à FUNAI para tomar medidas.

A situação resulta difícil, porque os indígenas da localidade de Nathaniel gostam muito dele e apresentam bons argumentos mostrando que Nathaniel lhes presta mais ajuda do que a Missão Salesiana.

Além do mais, a distância e as enormes cachoeiras que constituem obstáculos naturais para o trânsito até a Missão Salesiana, favorecem a ação dos missionários americanos.

O caso de um ex-aluno do Ginásio da Missão em Uaupés talvez illustre o dilema. O rapaz Uanano ficou sete meses em Uaupés fazendo curso de datilografia no Colégio da Missão. Depois voltou para o povoado, perto do Senhor Nathaniel, e não encontrou aplicação nenhuma para isso na vida da aldeia. Ademais, recebeu um recado da Missão avisando que seu diploma de datilógrafo estava pronto e ele poderia apanhá-lo mediante um pagamento de Cr\$ 70,00. Acharo impossível encontrar tanto dinheiro, o rapaz nunca foi apanhar o diploma. O Senhor Nathaniel então o convidou, com mais outros 2 rapazes, para ir a Lomalinda, cidadezinha de norte-americanos na Colômbia, base do ILV. Foram de avião, permanecendo seis semanas, sendo tratados muito bem. Fizeram cursos de agricultura e pecuária, principalmente porcicultura, e avicultura. Tudo era gratuito.

Estavam, no momento, esperando a volta do Senhor Nathaniel com sementes e animais de criação, para começar a aplicar o conhecimento adquirido nos cursos feitos.

A FUNAIPI Iauaretô

Desde agosto de 1974 a FUNAI mantém aberto o antigo Posto do SPI. O edifício foi construído em 1945 mas desde 1952 ou antes ficou abandonado. Uma grande parte do telhado caiu ou foi retirado, as vigas e caibros apodreceram.

Depois de muita demora em se organizar, e, facilitada uma passagem para chegar na área, o Chefe do Posto ficou os dois primeiros meses no posto sem apoio nenhum do 1º DR. Estava sem comida, sem remédios, sem equipamento, sem ferramentas e sem dinheiro para pagar a restauração do Posto. A chuva e o vento entravam constantemente na casa. O Chefe do Posto, privado de qualquer meio de subsistência ou trabalho, ficou dependente do capricho da Missão para comprar comida fiado.

Sem dúvida nenhuma, por falta de apoio, os primeiros dois meses da FUNAI foram contra-producentes. A FUNAI, representada pelo Chefe do Posto passando fome numa casa arruinada e sem poder fazer trabalho nenhum, era objeto de gozação, tanto para a Missão como para os indígenas.

No mes de outubro começaram a chegar a comida, os remédios e equipamentos para o Posto, e foi possível iniciar a sua restauração e também o atendimento médico aos indígenas.

Com a chegada do atendente de enfermagem, o trabalho do Posto no campo médico foi intensificado até que na metade de dezembro a FUNAI entrou em acordo com a Missão para utilizar o hospital da Missão que na época estava vazio.

Fora do trabalho de restauração do Posto, que avança somente na medida que o 1º DR manda ferramentas, material e dinheiro para pagar os trabalhadores, o maior avanço é indubitavelmente no campo médico. Contando com os remédios distribuídos por nós nas viagens do "survey", o posto distribuiu tratamento

médico aproximadamente entre mais de mil indígenas em menos de 3 meses. Também durante esse tempo, mais de 13 casos urgentes foram transportados para tratamento e hospitalização em Manaus. Deles a metade já voltou curada ou com melhoras para continuar o tratamento em Iauaretê.

Este trabalho médico, mais do que tudo, tem estabelecido um certo grau de confiança na FUNAI entre os indígenas. Mas, em geral, a abertura do Posto e a presença do pessoal da FUNAI tem influenciado perceptivelmente a atuação da Missão, segundo vários informantes indígenas.

Nos últimos meses a Missão tem atenuado ou modificado uma série de hábitos na sua atuação frente os indígenas. Anteriormente davam ordens, agora, às vezes, pedem. Aumentaram um pouco certos preços para a produção indígena e de modo geral tratam os indígenas com um pouco mais de respeito.

Por esse motivo, e também por estar na confluência dos Rios Uaupês e Papurí onde a situação de saúde e sócio-econômica é a pior de toda a área; achamos que a reabertura do PI Iauaretê foi oportuna. A proximidade do Posto com a Missão não estabelece nenhuma concorrência desvantajosa para a FUNAI, ao contrário, a proximidade facilita um controle ou vigilância, sobre a atuação da Missão, muito positiva para os indígenas. Temos também que considerar que por enquanto as únicas pistas de aterrissagem estão nas Missões, e nessa área, sem acesso aéreo, qualquer operação acabaria em fracasso.

Observamos, também, nas últimas semanas, um começo de colaboração entre a FUNAI e a Missão, principalmente no campo médico. Achamos que essa colaboração é positiva e deveria ser cultivada:

Existem, porém, dois problemas, Primeiro, devido ao monopólio comercial da Missão na área, todo dinheiro que a FUNAI paga a seus trabalhadores - seja na restauração do posto, seja

com o pessoal para viagens de investigação ou socorro - vai para o arrazém da Missão. A FUNAI, tanto quanto a Celetrazon e qual quer outro que pague trabalhadores com dinheiro, esta aumentando o poder aquisitivo dos indigenas e, conseqüentemente, o lucro do comércio da Missão.

Segundo, atualmente as Missões continuam com o controle da quota total dos vôos semanais - "da linha" - da FAB. Assim para o pessoal da FUNAI entrar ou sair da área, tem que pedir vaga na Missão.

- PI Melo Franco

O PI Melo Franco foi fechado bem antes de 1952, quando o SPI se retirou de Iauaretê.

O prédio do Posto em si aguentou bem os anos de abandono, mas desafortunadamente suas fundações estavam situadas em terras arenosas resultando em deslizamentos que produziram grandes rachaduras nas paredes. Duvidamos da possibilidade de restauração do Posto, sendo mais conveniente a construção de um novo, em outro local.

Nos últimos anos a Missão tem usado o Posto como capela, para o Padre itinerante celebrar missas. Mas ultimamente o deslizamento é em tal escala que as paredes poderão cair a qualquer momento. Para evitar a perda do telhado, no caso das paredes caírem pagamos aos indigenas do povoado para tirarem as telhas e guardar dentro do prédio.

OS MAKU (1)

Na região do Uaupês brasileiro moram aproximadamente 1.500 indígenas Maku, espalhados nas imensas florestas interfluviais em pequenos grupos afastados dos rios e de outros indígenas. Os Maku são de orientação silvícola e seu padrão de vida é nômade. Alguns escritores tem definido a relação dos Maku com os Índios do Rio como de escravidão, mas nossa pesquisa a longo prazo tem mostrado que a relação é mais sutil, sendo idealmente uma simbiose que, em qualquer momento histórico, pode aproximar-se de 2 extremos: ou o Índio do Rio explorando o Maku, ou o Maku como parasita do Índio do Rio (Silverwood-Cope, 1972). Ao nível de troca material os maku suprem os Índios do Rio com carne de caça e frutas e materiais da floresta, enquanto o Índio do Rio fornece ao Maku produtos agrícolas como beiju, tabaco, farinha e também mercadorias dos brancos.

Devido ao seu isolamento e inacessibilidade, os Maku escaparam até recentemente à intervenção dos missionários. Este isolamento tem permitido a continuação do seu padrão de vida tradicional e a conservação da sua cultura. Por outro lado os Maku tem sofrido uma falta quase total de assistência médica, de educação e de meios de conseguir mercadoria de brancos. Na última década a Missão Salesiana começou varias tentativas de atingir os Maku, para os "melhorar". Os métodos utilizados são escolhidos segundo sua conveniência e facilidade para aplicá-los pelos missionários, sem respeito ao padrão de vida ou às terras tradicionais dos Maku.

Torna-se difícil estabelecer uma visão clara e precisa da distribuição demográfica dos Maku, em parte por causa do seu nomadismo, em parte pelas mudanças provocadas pela Missão. A esta-

¹Incluindo dados coletados pelo etnologo Howard Reid (Universidade de Cambridge, Inglaterra) atualmente realizando estudos entre os Maku em participação com o Projeto de Antropologia Aplicada da FUNAI na área do Uaupês.

tística da Missão parece corresponder à de 1970 quando somente alguns grupos foram atingidos pela Missão, enquanto a nossa estatística, levantada principalmente pelo etnólogo Howard Reid, foi feita nos últimos meses de 1974, quando a maioria dos grupos Maku tinha se alterado. Por exemplo, os grupos que moravam nos afluentes do lado norte do Tiquiê em Igarapês Cabari, Macucu e Pahsa tem se deslocado no todo ou em parte para ficar agora na nova concentração da Missão em Cucura. Nos tres afluentes do lado sul do Rio Papurí, Igarapês Wagya, Nënōya e Ahkosa, onde antigamente havia dois grupos em cada, hoje estão concentrados num grupo em cada, em locais mais próximos do Rio Papurí, assim cumprindo as ordens da Missão.

- A estratégia da Missão para "melhorar" os Maku

A estratégia aplicada atualmente para atingir os Maku nos foi explicada pelo Padre austriaco, Norberto Nohenschiler, e o Padre espanhol, Alfonso Casanova, ambos da Missão Salesiana de Pari-cachocira. Segundo esses missionários, "melhorar" os Maku exige mudar sua mentalidade, e para mudar a mentalidade, os Maku devem mudar basicamente seu padrão de vida. Por isso, dizem os padres, os Maku devem deixar suas terras nos centros das florestas, deixar sua vida nômade e de caçador e coletor e passar a viver à beira dos rios ou perto, para fácil acesso para os missionários, em grandes concentrações para facilitar a catequese e a educação, e devem se dedicar a plantar, a criar para tornarem-se dependentes da economia de troca com os brancos.

Essa política dos missionários se define em quatro princípios efetivos: deslocamento de suas terras tradicionais, concentração em grandes povoados, fixação permanente eliminando o nomadismo e mudança total de meios de subsistência.

Tal política, iniciada há mais de dez anos, e recentemente aplicada intensivamente pelo padre Alfonso Casanova, não

tem dado resultados satisfatórios aos próprios missionários. Aqui citaremos brevemente as tentativas da Missão de aplicar essa política, segundo os próprios missionários.

-Serra dos Porcos foi fundada no meio da década de 60, e hoje conta com mais de 140 habitantes. Foram concentrados em tres grupos que costumavam morar separadamente e dispersos, e mandado fazer uma aldeia nova com casas de barro organizadas em ruas. A produção de mandioca foi incentivada em grande escala, com o proposito de integrar os Maku economicamente, comerciando farinha com a Missão de Iauaretê. Mas a distância de Iauaretê dificultou o transporte da farinha. A abundância de mandioca foi, então, aproveitada para produzir e consumir grandes quantidades de caxiri e isso, junto com as diferenças entre os tres grupos ali reunidos resultou em várias brigas com mortos e muitos feridos. Serra dos Porcos tem uma escolinha com Indio do Rio, Tariano, como professor. Padrão de saúde é bem pior que o dos Indios do Rio.

-Fátima foi a segunda tentativa da Missão, iniciada em 1970/71 pelo padre Alfonso Casanova na margem sul do Rio Tiquiê. Trata-se de um terreno de propriedade tradicional dos indios Desanos morando hoje em Cunuri (Tiquiê) que foi invadido pela Missão para criar gado. Depois do gado ser transferido para outros locais, Padre Alfonso chamou diversos grupos de Maku, dos afluentes sul e norte do Tiquiê, para se estabelecer lá. Em março de 1974 Fátima tinha oito famílias Maku, mas estes já reclamavam que o Padre Alfonso era "pão-duro" com o suprimento de farinha enquanto eles preparavam suas roças para se estabelecer. Em dezembro a iniciativa de Fátima tinha fracassado e todas as famílias, menos uma, tinham se retirado e voltado aos seus lugares de origem. O Padre explicou o fracasso pela heterogeneidade do grupo reunido e pela distancia da "civilização" (isto é, outras Missões).

-Castanho foi outra tentativa de "civilizar" os Maku, iniciada

no começo da década de 70 nesse afluyente sul do Rio Tiquiê. Segundo os Missionários esta também fracassou, devido à distância da "civilização".

-Boca da Estrada na margem norte do Rio Tiquiê, foi uma tentativa do Padre Alfonso de fazer um centro "no meio do mato", efetivamente um kilometro e meio do Rio Tiquiê. Os poucos Maku que foram chamados ali acabaram queimando suas casas e fugindo, segundo os Indios do Rio vizinhos, por falta de mercadorias prometidas pelo Padre.

-Cucura é última tentativa da Missão de criar uma concentração de Maku, iniciada em 1974 com um casal leigo espanhol. Já tem 29 casas implantadas, e os Maku chamados ou chegados por sua própria vontade, estão preparando roças. Os padres dizem que iniciarão a catequese e a educação somente quando os Maku já se encontrassem instalados. A terra onde foi fundada essa concentração de Maku pertence aos indios Dessanos que moram na beira do Rio Tiquiê. Essa política - deslocamento, concentração e fixação - utilizada pela Missão não tem dado resultados certos, nem satisfatórios aos padres, até agora. Além de achar a política errada em simples termos práticos, opinamos que ao nível moral essa política esta errada em princípio. A política carece de qualquer reconhecimento de relatividade cultural, sem respeitar nem as terras, nem a cultura e nem o padrão de vida dos Maku. A participação dos Maku é conseguida através de ordens, ameaças de agressão sobrenatural e promessas de mercadorias.

A política é escolhida conforme a conveniência da atuação dos missionários e demonstra um elemento de cinismo notável.

Os missionários Salesianos de hoje se arrependem da eliminação das malocas - entidades comunitárias - dos Indios do Rio, efetuada por seus predecessores, dando a desculpa que desco-

nheciam a importância das malocas na vida dos índios. Mas, no livro "De Tupan a Cristo - Missões Salesianas do Amazonas" o antigo Bispo da Prelazia do Rio Negro, Dom Pedro Massa, escreveu:

"O Tukano vive na maloca que lhe serve de dormitório, de cozinha, de refeitório pela manhã e à tarde. A maloca é sucessivamente laboratório para os trabalhos domésticos, lugar de reunião nas horas de chuva e sala de baile nas grandes festas, é o lugar em que o Tukano vive, morre e é sepultado. Para o Tukano a maloca é o mundo". (grifo nosso)

Exatamente por reconhecer esse fato fundamental da vida dos Tukanos, os missionários insistiam na campanha de eliminar as malocas, para mais fácil e rapidamente manipular e catequizar os índios Tukanos. Hoje, não sobrevive nenhuma maloca entre todos os Índios do Rio do Uaupês brasileiro.

Agora para o Maku, a vida nômade, espalhados em pequenos grupos nos centros da floresta, tem o mesmo significado essencial que tinha a maloca para os Índios do Rio.

| <u>Distribuição demográfica dos Maku</u> | <u>M i s s ã o</u> | | <u>FUNAI (REID)</u> | |
|---|--------------------|--------|---------------------|--------|
| <u>Afluentes do Rio Tiquiê do lado Norte:</u> | Pop. | grupos | Pop. | grupos |
| Urari (desemboca acima de São Pedro) | 51 | 2 | 79 | 4 |
| Cabari (" " " São Domin gos) | 95 | 3 | 43 | 1 |
| Urari (desemboca abaixo de Belavis- ta) | 62 | 3 | 7 | 2 |
| Inambu | 41 | 1 | - | - |
| Cabari | 18 | 1 | 0 | 0 |
| Cucura (perto de São Francisco) | 85 | 1 | (130+) | 1 |
| Macucu (" " Santa Luzia) | 98 | 4 | (44+) | 3 |
| Pahsa (abaixo da boca do Castanho) | 36 | 1 | 30 | 2 |
| Yuyhsa(" " " " ") | 65 | 1 | 77 | 2 |
| Waipoya (desemboca abaixo de Barrei ra) | 13 | 1 | - | - |
| Traira | 24 | 2 | - | - |
| Taraqua igarapê | 88 | 1 | (45+) | 2 |
| Taraqua Missão | 15 | 1 | - | - |
| Japu igarapê | - | - | 15 | 1 |
| Muhipena | 15 | 1 | - | - |
| Jacarê | - | - | 15 | 1 |
| Serra dos Porcos | 165 | 1 | 130 | 1 |
| Perto de Iauaretê | 14 | 1 | - | - |
| <u>Afluentes do Rio Papurí do lado Sul:</u> | | | | |
| Wageya | 45 | 2 | 35 | 1 |
| Nênôya | 56 | 2 | 43 | 1 |
| Ahkosa | 25 | 2 | 12 | 1 |
| Urucu | 32 | 2 | - | 2 |
| Turi | 90 | 6 | 50 | 3 |
| <u>Afluentes do Rio Tiquiê do lado sul:</u> | | | | |
| Casca Mandioca | 18 | 1 | - | - |
| Cucura | 13 | 1 | - | - |
| Pari (Missão) | 15 | 1 | - | - |
| Castanho | 125 | 2 | - | - |
| Samauma | 15 | 1 | - | - |
| Mikuri | 8 | 1 | - | - |
| Cunuri | 35 | 1 | - | - |

| | | | | |
|---------|----|---|---|---|
| Rio Ira | 85 | 3 | - | - |
|---------|----|---|---|---|

No Rio Negro e seus afluentes:

| | | | | |
|-----------------|-----|---|---|---|
| aproximadamente | 150 | ? | - | - |
|-----------------|-----|---|---|---|

TOTAL1.572

P R O P O S T A- Considerações Gerais

O fato dessa região do Uaupés brasileiro ser zona fronteiriça merece duas observações, uma de caráter geral e outra específica. Fora de qualquer desdobramento militar, a segurança de uma fronteira depende, ao nível civil, da ocupação da área por uma população bem distribuída gozando de boa saúde e nutrição, integrada politicamente na vida nacional. Essas condições são obtidas unicamente pela existência de um movimento econômico ativo, variado e bem desenvolvido.

Além dessa consideração geral, temos que frisar no caso específico do Uaupés que atualmente existe uma grande diferença entre a zona colombiana e a zona brasileira. Como mostramos nas páginas 56 e 61 do relatório, o governo colombiano através do programa "Acción Comunal", está "injetando" grande auxílio no desenvolvimento econômico do lado colombiano do Uaupés. Os serviços assistenciais prestados ao indígena colombiano são melhores, e nos últimos anos uma orientação política de caráter socialista está atingindo o povo indígena colombiano. Constatamos a saída de grande número de indígenas brasileiros para a Colômbia; os que ficaram não deixam de fazer comparações desfavoráveis ao Brasil.

Por esses motivos, além da responsabilidade de cuidar, defender e integrar os índios brasileiros, achamos que uma atuação imediata de auxílio e desenvolvimento econômico nessa região é indispensável aos interesses nacionais.

Nesse estudo da situação no Uaupés brasileiro indica claramente a necessidade dessas medidas: a) assegurar a terra indígena por meio de legislação; b) implantar efetivo serviço de saúde; c) implantar desenvolvimento econômico e d) intervir no processo de destruição deliberada do povo Maku.

Mas, antes de detalhar como essas medidas seriam postas em prática, cabe aqui uma consideração do conceito de "paternalismo", atitude renunciada ultimamente pela FUNAI como pela Missão Salesiana. É certo que no começo da atuação salesiana na área, a política dos missionários era paternalista. Mercadoria, ferramenta e roupa eram dadas de graça, até criar necessidades e os serviços de saúde e educação eram gratuitos. Mas essa fase inicial acabou logo depois dos índios ficarem dependentes e hoje tudo é cobrado. Até hoje muitos missionários Salesianos mantêm que a mentalidade indígena corresponde à de uma criança branca de 12 anos. Achamos que isso é uma grande distorção da realidade; nos casos em que o índio se mostra infantil, o são forçados a ser pela própria atitude dos missionários que não deixam de tratá-los como crianças. A maioria dos missionários se mostra muito indisposta a ceder aos indígenas qualquer responsabilidade em dirigir seus assuntos. Os índios não podem tomar decisões ou escolher seu futuro. Tudo é imposto. Quando surge o caso de os índios atuarem com autonomia, como no caso das cooperativas do Tiquié, a Missão se acha subvertida e ameaçada.

O objetivo de nosso plano para os Índios do Rio é o de incentivar a maturação econômica - e conseqüentemente política - para acabar com o paternalismo, mesmo que seja necessário investir inicialmente nesse desenvolvimento.

Quanto aos Maku, nosso plano é inicialmente maternalista, dado seu alto grau de isolamento e privação e dada a atual estratégia desaculturadora da Missão.⁽¹⁾

Finalmente, de acordo com as considerações anteriores, achamos desaconselhável a implantação de uma rede de Postos para atender aos Índios do Rio. Os grandes recursos exigidos pela abertura e manutenção de Postos indígenas seriam melhor apli-

¹ Definição de paternalismo e maternalismo.

Paternalismo - dar, exigindo que sejam cumpridas certas obrigações

Maternalismo - dar, sem exigências

cados em programas de desenvolvimento econômico dos indígenas. Entre os numerosos indígenas que tem sido educados até a 6a. série do 2º grau, se encontrará muito pessoal necessário para cumprir vários encargos dos programas a serem realizados. Assim se evitariam os problemas de deslocamento e adaptação inerentes à introdução de pessoal de outras áreas.

Não obstante, o Posto Indígena de Iauareté deve continuar como centro e base das operações da FUNAI, com o máximo de apoio do 1º DR e de Brasília, devido a sua situação no centro da área de maior concentração indígena, hoje sofrendo a pior falta de assistência. Outro fator importante em defesa da permanência do Posto de Iauareté é sua proximidade da Missão, o que facilita o controle da mesma.

1. TERRA

1.1 No prazo mais curto possível, legislação definitiva criando o Território Federal Indígena, seguindo os limites da Reserva Florestal do Rio Negro (criado pelo Decreto nº 51.028) mas incluindo também a bacia sul do Rio Tiquié (margem sul e afluentes entrando do sul - igarapés Castanho, Samauma, Tarira, Cunuri e Rio Ira) onde moram mais de 553 indígenas.

1.2 A formação de uma entidade indígena com a finalidade de administrar os assuntos do Território Federal Indígena, provisoriamente assistida pela FUNAI.

1.3 A comunicação aos indígenas, por meio de distribuição de folhetos, da legislação da terra, no momento em que seja feita.

1.4 A colocação de marcos assinalando o limite do Território Federal Indígena na Foz do Querari no Rio Uaupés, em Iauareté, em Melo Franco no Rio Papurí, na fronteira do Rio Tiquié e na foz do Uaupés no Rio Negro.

2. SAÚDE

2.1 Uma equipe médica treinada baseada permanentemente em Iauaretê mas com meios de transporte para se locomover em toda a região usando - após devido entendimento com a Missão Salesiana - a infraestrutura dos "hospitais" das Missões de Iauaretê, Taraquã e Pari-cachoeira.

2.2 Fornecimento de todo equipamento e remédios para a equipe médica poder combater a

Tuberculose - Raio X

Parasitas intestinais - laboratório com microscópio

Hernia e Tracoma - sala de operações e equipamento de esterilização, e.g. gerador, geladeira etc.

2.3 Realização de programa de imunização total em massa, usando atendentes de enfermagem locais e sistema de fichas para controle.

2.4 Contratação e treinamento de pessoal indígena local para atendentes de enfermagem e monitores de saúde.

3. DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO

3.1 Incentivar a formação de cooperativas de produção e transporte entre os indígenas dos Rios Papurí e Uaupés, e apoiar as cooperativas já formadas, por iniciativa própria dos indígenas, no Rio Tiquiê.

3.2 Participação de técnicos em pecuária e agricultura para instruir e orientar o povo indígena na produção de produtos de maior valor nutritivo e de maior valor comercial.

3.3 Distribuição para aproximadamente 115 povoados indígenas de sementes de arroz, feijão, cacau, café, milho, cenoura, batata, abobora, vagem, cebola etc.; de inseticidas contra saúva e outras pragas, de animais de criação (galinhas, patos, porcos

e gado) e de remédios veterinários e de ferramenta agrícola manual e de ferramenta de carpintaria manual.

3.4 Para o transporte de produtos das cooperativas dos Rios Papurí e Uaupés, seis motores de popa marca Penta 12 H.P. (os únicos motores que transportam até seis toneladas de carga com boa economia de gasolina) e dois motores de centro de fabricação nacional de 27 H.P., com toda ferramentamecânica para instalação e manutenção. As cooperativas indígenas construirão os barcos, precisando apenas de pregos e parafusos.

3.5 Um funcionário da FUNAI ficará encarregado de providenciar todo esse material, transportá-lo para a região e distribuí-lo, com a devida orientação, entre os indígenas. Este funcionário também acompanhará a formação e funcionamento das cooperativas, assistindo a venda de produtos e a compra das mercadorias. Este funcionário contará com a assistência de seis ajudantes indígenas para orientar e fazer ligação entre a FUNAI e as cooperativas. Esses ajudantes seriam contratados e assalariados, com meios de se desincumbirem de suas tarefas. Seriam dois ajudantes no Alto Rio Uaupés, dois no Rio Papurí e dois no Baixo Rio Uaupés.

3.6 Estudar a possibilidade de fundar uma escola profissional na área, preferivelmente em Iauareté, onde os indígenas da região poderiam aprender agricultura de novos produtos, pecuária e veterinária para criação, carpintaria, marcenaria, pedreiro, mecânica, motores de popa e de centro, enfermagem, etc.

4. OS MAKU

4.1 Proibição da atual estratégia da Missão Salesiana, de deslocar de suas terras e concentrar e fixar os Maku.

4.2 Escolher um local, no meio da região interfluvial dos Rios Tiquiö e Papurí, de fácil alcance dos povoados Maku.

4.3 Nesse local, com participação remunerada dos Maku,

preparar uma pista e um posto.

4.4 O Posto teria um atendente de enfermagem com todos os remédios necesssários, uma cantina pequena para atender às necessidades basicas dos Maku, uma escolinha para ensinar inicialmente somente conversação em portugues, num regime "livre" (isto é, recebendo adultos tanto como crianças, com liberdade de ir e vir como queiram).

4.5 O posto precisará de um chefe especializado em língua e cultura Maku, um atendente de enfermagem, e um professor treinado a usar métodos adaptados à realidade Maku.

4.6 Na fase de implantação do posto e construção da pista, os trabalhadores formariam trilhas ligando o posto aos vários agrupamentos Maku da região. O posto ficaria perto de muitos sitios Maku, mas sem favorecer qualquer grupo específico por grande proximidade.

4.7 Assim o posto atenderia aos vários grupos Maku sem criar concentração, sem perturbar seu nomadismo e sem obrigá-los a sair de suas terras tradicionais.

4.8 É importante frisar que este posto para atender os Maku funcionará somente com apoio aéreo.

4.9 Além da farmacia e cantina, o posto precisaria de uma serra mecanica para desmatar a pista, um radio e um gerador portatil.